



Anabela Alexandra Couto dos
Santos
200139020

**Abordagem à Educação
Intercultural: uma experiência
em Creche e em Jardim de
Infância**

Relatório de Projeto de Investigação
Mestrado em Educação Pré-Escolar

ORIENTADORA

Professora Doutora Ana Cristina Crespo
Pires Sequeira

Versão Definitiva

outubro, 2023

Anabela Alexandra Couto dos
Santos
200139020

**Abordagem à Educação
Intercultural: uma experiência
em Creche e em Jardim de
Infância**

JÚRI

Presidente: Professora Sofia Gago da Silva
Corrêa Figueira

Arguente: Professora Ana Luísa da Piedade
Melro Blazer Gaspar Costa

Orientadora: Professora Doutora Ana Cristina
Crespo Pires Sequeira

outubro, 2023

*“Se és diferente de mim, (...), em vez de me prejudicares,
enriqueces-me.”*

Antoine de Saint-Exupéry

Agradecimentos

Ao longo da vida deparamo-nos com diversos desafios, muitas vezes com alguns obstáculos pelo meio, mas cabe-nos enfrentá-los, pois, estes só nos fortalecem. Chegar até aqui é prova disso, quando tudo parecia tão distante, aqui estou a finalizar o meu percurso académico.

Nem sempre foi fácil, mas o objetivo, o trabalho, o esforço e a dedicação prevaleceram sempre nesta grande etapa. No final, todas estas vitórias compensaram e isso deixa-me bastante satisfeita.

Posso afirmar, que vivi momentos muitos felizes e que serão sempre memórias a recordar. Tudo isto só foi possível por ter sempre presente na minha vida pessoas que me amavam, incentivavam a continuar e a lutar por tudo aquilo que sempre acreditei.

Desta forma, quero agradecer às pessoas mais importantes da minha vida, à minha irmã, aos meus pais, aos meus avós e aos restantes familiares, pelo facto, de me apoiarem sempre e por me darem aquela força necessária para alcançar tudo aquilo que idealizei para o meu futuro. Também às minhas melhores amigas, em especial, à Cláudia, à Joana, à Leonor, à Bia, à Ana, à Inês, à Catarina e à Sofia. E a todas aquelas que fizeram parte desta minha caminhada, durante o mestrado, com as quais pude privar e viver momentos muito agradáveis e do qual resultou uma grande amizade até aos dias de hoje.

Também merecedor do meu agradecimento são os grupos de crianças com os quais tive o privilégio de privar, porque sem eles não seria possível realizar o meu estudo. Agradecer e muito, pois, todos os dias foram de bastante amor e partilhas. Cada criança tem um lugar especial no meu coração, cada história de vida, cada aprendizagem, cada conquista tem um peso enorme na pessoa que sou e na forma como tenciono trabalhar, para além de que foram momentos muito felizes e que me marcam para sempre.

Agradeço às educadoras cooperantes que me orientaram e auxiliaram sempre que necessário, que me aconselharam e permitiram fazer parte da sua equipa e de aprender com a sua prática. Às auxiliares de ação educativa com que tive o privilégio de privar, pois, iam partilhando comigo a sua experiência e conhecimento tendo sempre uma palavra de carinho para me oferecerem.

Ainda a mencionar o Instituto Politécnico de Setúbal por me ter recebido de braços abertos e, principalmente, a todos os docentes que fizeram parte desta longa caminhada que foi a licenciatura e o mestrado. Em especial à professora Ana Sequeira, que foi a melhor orientadora que poderia ter, a que me apoiou, que me incentivou, que me deu sempre forças para continuar mostrando-se sempre predisposta em ajudar-me

naquilo que precisava e por nunca ter desistido de mim. À professora Sofia Figueira e à professora Manuela Matos, por me fazerem evoluir, por partilharem comigo o seu conhecimento, por acreditarem nas minhas capacidades, por me terem preparado da melhor forma possível, por me tornarem numa futura profissional com os seus objetivos bem traçados, por serem um “alicerce” para um futuro de sucesso. E ainda por me terem feito apaixonar cada vez mais pela profissão que escolhi. Excelentes professoras e profissionais que fazem a diferença.

Obrigada a todos por sempre acreditarem em mim!

Resumo

O presente relatório de investigação tem como objeto de estudo a Educação Inter/Multicultural e como questão de investigação “Como potenciar a Educação Inter/Multicultural em contexto de Creche e Jardim de Infância?”.

A Educação Inter/Multicultural baseia-se num

“contexto de vida democrática, em que as crianças exercem o seu direito de participar, e em que a diferença de género, social, física, cognitiva, religiosa e étnica é aceite numa perspetiva de equidade, num processo educativo que contribui para uma maior igualdade de oportunidades (...), entre indivíduos de diferentes classes sociais, com capacidades diversas e de diferentes etnias. (...) As diferentes maneiras de ser e de saber contribuem para o enriquecimento da vida do grupo, para dar sentido à aquisição de novos saberes e à compreensão de diferentes culturas.” (Silva et. al, 2016, p.39).

O estudo tinha como objetivo debater e sensibilizar as crianças para questões relacionadas com o racismo, a diversidade cultural e atitudes discriminatórias. Promover uma perspetiva crítica e interventiva para que as crianças não se inibissem de expressar aquilo que pensavam. Sensibilizar as educadoras cooperantes para a importância da abordagem à Educação Inter/Multicultural.

O trabalho desenvolvido teve como intuito sensibilizar as crianças para a valorização e aceitação de novas culturas, fazendo-as ver que somos todos diferentes, mas que temos todos os mesmos direitos, independentemente, das nossas características. Ensinar-lhes que devemos respeitar sempre o outro, sendo solidários e “humanos”. Não discriminar nem inferiorizar, pois, isso está errado e pode influenciar negativamente o futuro de outras crianças.

Quanto à metodologia utilizada, optei pela investigação qualitativa, onde me foquei no investigar e no agir e mais tarde na análise dos resultados obtidos.

Para recolha e tratamento de informação baseei-me na observação participante, nas conversas em grande e pequeno grupo, nas notas de campo, nos recursos tecnológicos, como por exemplo, fotografias, vídeos e gravações e na conversação. Também, na análise documental e, ainda, no inquérito por questionário (realizado às educadoras). Desta forma, consegui perceber quais as necessidades do grupo, os contextos e a prática pedagógica das educadoras.

Ao longo do meu percurso, como estagiária, considerei importante promover a temática da Inter/Multiculturalidade, para que as crianças pudessem refletir e aprender cada vez mais.

Aprofundei o tema de forma que as crianças percebessem o quanto interessante e gratificante é convivermos com diferentes culturas e aprendermos algo novo com as mesmas, como por exemplo as suas tradições, costumes, a sua língua, a sua gastronomia, o seu vestuário, entre outros.

Desta forma, em todas as atividades que realizei tive por parte das crianças um feedback bastante positivo desde o questionar, mostrando interesse em saber mais, ao pedir para repetir por terem gostado, por ser criativo e pelo facto de nunca terem realizado anteriormente. Algumas crianças fizeram observações muito relevantes, começaram a ter em consideração o gosto dos amigos e as suas opiniões, aprenderam a respeitar as diferenças físicas de cada um, tornaram-se compreensivas e solidárias em relação a outras crianças com patologias. Para mim, foi muito importante saber que contribui para estas observações, que fi-las refletir sobre aquilo que as rodeia e ainda ter um olhar mais atento, crítico e cuidadoso com aqueles que mais necessitam.

Conceitos e abordagens-Chave: Educação Inter/Multicultural, Educação Inter/Multicultural em Educação de Infância, o Papel do Educador de Infância no Desenvolvimento de uma Educação Inter/Multicultural.

Abstract

This research project has Inter/Multicultural Education as its object of study and as an action-research question: "How to enhance Inter/Multicultural Education in the context of Nursery and Kindergarten?"

Inter/Multicultural Education is based on a

"context of democratic life, where children exercise their right to participate, and where gender, social, physical, cognitive, religious, and ethnic differences are accepted from an equitable perspective, in an educational process that contributes to greater equality of opportunities (...), among individuals from different social classes, with diverse abilities, and of different ethnicities. (...) The different ways of being and knowing contribute to enriching the life of the group, giving meaning to the acquisition of new knowledge and the understanding of different cultures." (Silva et al., 2016, p.39).

The report carried out with children aims to raise awareness among them to the value and acceptance of new cultures, making them see that we are all different but have the same rights, regardless of our characteristics. Teaching them to always respect others, to be compassionate and "human." Not to discriminate or demean, as that is wrong and can negatively influence the future of other children.

As to the methodology used to work with different groups, I chose qualitative research, focusing on investigating and acting, and afterwards on the analysis of the results obtained.

For the collection and treatment of information, I based myself on conversations in large and small groups, field notes, questionnaire surveys (applied to the nursery and preschool teachers), technological resources such as photographs, videos, recordings, and written records. By following these methods, I was able to understand the group's needs, contexts, and the nursery and preschool teachers' pedagogical practices.

Throughout my journey, as a trainee, I felt it was important to promote the theme of inter/multiculturality so that the children could reflect and learn more and more.

I deepened the subject so that the children realized how interesting and rewarding it is to live with different cultures and learn something new from them, such as their traditions, customs, language, cuisine, clothing, among others.

In this way, in all the activities that I carried out, I had very positive feedback from the children, from the questioning, showing an interest in knowing more, to asking to repeat it because they liked it, because it was creative and because they had never done it before. Some children made very relevant observations, they began to take into consideration their friends tastes and their opinions, they learned to respect each other's physical differences, became understanding and supportive of children with

pathologies. For me, it was very important to know that I contributed to these observations, that I made them reflect about their surroundings and even to having a more observant, critical, and caring look to those who need it the most.

Key concepts and approaches: Inter/Multicultural Education, Inter/Multicultural Education in Early Childhood Education, Role of Early Childhood Nursery and Kindergarten Teachers in Developing Inter/Multicultural Education.

Índice

Introdução	13
CAPÍTULO I - Quadro teórico de referência	15
1. Contributos para a definição de conceitos inerentes ao estudo	15
1.1. Educação Inter/Multicultural.....	16
1.1.1. Diversidade Cultural.....	17
1.1.2. Pensamento Crítico	17
1.2. Educação Antirracista.....	19
1.2.1. Racismo	19
1.3. Educação Inter/Multicultural em Educação de Infância	20
1.4. Papel do Educador de Infância no Desenvolvimento de uma Educação Inter/Multicultural.....	22
CAPÍTULO II - Metodologia de Investigação	25
1. Investigação Qualitativa.....	25
2. Procedimentos de recolha de dados	29
2.1. Instrumentos de recolha de dados.....	29
2.1.1. Observação participante.....	29
2.1.2. Notas de campo	30
2.1.3. Conversação	31
2.1.4. Registo multimédia (Fotográfico/Vídeo/Áudio)	31
2.1.5. Análise documental	32
2.1.6. Inquérito por questionário	32
2.2. Instrumentos de análise de dados	32
CAPÍTULO III - Opinião das educadoras cooperantes sobre a temática.....	35
Síntese da opinião das educadoras.....	37
CAPÍTULO IV - Descrição e caracterização dos contextos educativos.....	39
1. Caracterização da Instituição A – Creche.....	39
1.1. Projeto Educativo e Projeto Pedagógico.....	40
1.2. Descrição e Caracterização do Grupo de Crianças	40
1.3. Descrição das Infraestruturas e espaço físico	42
1.3.1. Organização do espaço das Salas Azul e Amarela.....	43
2. Caracterização da Instituição B – Contexto de Jardim de Infância	44

2.1. Instituição B – Jardim de Infância.....	44
2.2. Projeto Educativo e Projeto Pedagógico.....	45
2.3. Caracterização da Equipa Pedagógica	45
2.4. Descrição e Caracterização do Grupo de Crianças	46
2.5. Descrição das Infraestruturas e espaço físico	46
3. Caracterização da Instituição C – Contexto de Jardim de Infância	48
3.1. Projeto Educativo e Projeto Pedagógico.....	48
3.2. Descrição e Caracterização do Grupo de Crianças	49
3.3. Descrição das Infraestruturas e espaço físico	50
CAPÍTULO IV – Descrição e interpretação das intervenções.....	51
1. Intervenções em Contexto de Creche	53
1.1. Teatro de Fantoques.....	53
1.1.1. Síntese reflexiva da atividade.....	57
1.2. “O Elmer e os Opostos” e um Jogo Didático	58
1.2.1. Síntese reflexiva da atividade.....	61
Instituição B e C – Contexto de Jardim de Infância	63
(1º e 2º Estágio).....	63
2. Intervenções em Contexto de Jardim de Infância	63
2.1. Atividade sobre o livro “Um menino diferente”	63
2.1.1. Síntese reflexiva da atividade.....	66
3. Planificação e Atividades Dinamizadas – Semana de 17 a 19 de maio	67
3.1. Planificação – Jardim de Infância (1º momento de estágio)	67
3.1.1. 1ª Atividade Dinamizada (Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)	67
3.1.2. Educação Artística (Artes Visuais)	74
3.1.3. Educação Artística (Artes Visuais)	76
80	
3.2. Síntese reflexiva sobre as atividades realizadas nos três dias.....	80
3.3. Planificação – Jardim de Infância (2º momento de estágio)	85
3.3.1. Os amigos e as amigas do mundo.....	85
3.3.1. Síntese reflexiva da atividade.....	89
CAPÍTULO V – Considerações globais e perspetivas futuras	91
Referências bibliográficas	96
Anexos	100
Anexo I.....	100

Anexo II.....	103
Anexo III.....	105
Anexo IV	106
Anexo V	107
Anexo VI	108

Introdução

A temática escolhida para o meu Projeto de Investigação foi a Educação Inter/Multicultural, centrando-se na questão a investigar “Como potenciar a Educação Inter/Multicultural em contexto de Creche e Jardim de Infância?”.

Esta escolha deve-se ao facto de ser um tema com que nos deparamos constantemente, ou seja, vivemos num mundo multicultural, onde a convivência entre diferentes culturas deveria ser uma mais-valia potenciando o conhecimento e o respeito mútuo.

Contudo, tal não se tem verificado, como os media nos relembram diariamente. Nestes últimos anos têm ocorrido muitos conflitos, relacionados com questões raciais e de desigualdade que, infelizmente, não têm tido um final feliz.

O sistema educativo, e, em particular, os educadores têm um papel muito importante a desempenhar, ou seja, preparar e ensinar as crianças, desde cedo, para o respeito, integração e espírito de entreajuda de todas as crianças. Os educadores devem ajudá-las a refletir e a aceitar as diferenças dos colegas aprendendo com a reflexão e vivências realizadas.

A temática da inter/multiculturalidade, em particular as questões raciais e de desigualdade é uma temática que me toca particularmente, não por ter passado por alguma situação específica, mas sim por ter familiares que já o passaram. Deparamo-nos, diariamente, com atitudes preconceituosas, que me revoltam e me fazem perceber a importância de abordar este tema, expor a minha opinião, tentar contribuir para a mudança de algumas mentalidades, bem como lutar pela igualdade de todas as crianças.

A minha predisposição para o tema aliada ao desafio de uma das docentes da Unidade Curricular “Seminário de Investigação e de Projeto”, para que investigasse mais sobre a temática, foi o início de uma reflexão sobre o assunto e da decisão de desenvolver um projeto centrado nesta temática. Assim fiquei bastante entusiasmada, e com vontade de pesquisar e adquirir novos conhecimentos. Para a aquisição de novos conhecimentos, concorreu, também, a Unidade Curricular “Educação Intercultural e Diferenciação Pedagógica”, contribuindo, assim, para enriquecer o meu projeto de investigação.

A diversidade cultural está patente nos diferentes contextos da Educação de Infância, por isso, teremos de adaptar e adotar um ensino onde todas as crianças se sintam incluídas e respeitadas. A Convenção dos Direitos da Criança (2019), sublinha que “a criança tem direito à educação e o Estado tem a obrigação de (...)” organizar “(...) os sistemas de ensino (...) acessíveis a todas as crianças (...), em função das capacidades de

cada um. A disciplina escolar deve respeitar os direitos e a dignidade da criança.” (art.º 28, p.23)

Também a Assembleia Geral das Nações Unidas (1959) salienta que: “Deve ser-lhe ministrada uma educação que promova a sua cultura e lhe permita, (...), desenvolver as suas aptidões mentais, o seu sentido de responsabilidade moral e social e tornar-se um membro útil à sociedade.” (art.º 7, p.2)

O sistema educativo deve ser impulsionador do pluralismo das famílias de que as crianças sejam oriundas, ou seja, deve defender e apoiar as suas diferenças, promovendo o conhecimento mútuo. As crianças devem ser bem acolhidas para que se sintam seguras, confiantes e acarinhadas.

O contexto em que se situa o desenvolvimento do projeto a implementar envolve tanto a valência de Creche (estabelecimento de ensino privado) como a de Jardim de Infância (estabelecimento de ensino público) ambas pertencentes ao distrito de Setúbal.

Com o presente estudo pretendi promover o tema com o grupo através de atividades realizadas em contexto de estágio, alertar as crianças para o respeito e integração de novas culturas, para a aceitação das diferenças passando a vê-las como algo que nos enriquece e não como fonte discriminatória.

Relativamente à organização e estrutura do relatório este está dividido em diferentes capítulos, começando pela introdução, o quadro teórico de referência onde dou a conhecer os conceitos-chave da minha pesquisa, a metodologia, a apresentação da descrição e interpretação dos dados obtidos, ou seja, dos dados obtidos provenientes das atividades que fui dinamizando com o grupo e as suas intervenções/reações e por fim as minhas considerações globais e perspetivas futuras.

CAPÍTULO I - Quadro teórico de referência

1. Contributos para a definição de conceitos inerentes ao estudo

Como referido, anteriormente, este é um tema que me suscita, particularmente, um grande interesse. Por este motivo, decidi investigar ainda mais para que daqui em diante, aquando educadora de infância, poder trabalhar com o grupo questões que considero bastante importantes, como as questões raciais, a diversidade cultural, as desigualdades e a discriminação. Neste ponto, também, explico a minha opinião face à importância de serem trabalhadas atividades que levem as crianças a refletir sobre a temática, a incluírem, a respeitarem e a aceitar os outros tal como são, ou seja, com as suas diferenças.

Por este motivo considero que a temática deva ser trabalhada com as crianças, desde pequenas, porque esta é a primeira etapa e a mais importante na vida da criança e somos nós, profissionais de educação, que contribuimos para o desenvolvimento e formação das crianças e dos homens e mulheres do "amanhã". Se o tema não for abordado enquanto estão a descobrir a sua identidade e aquilo que acreditam, mais tarde, será muito difícil que estas não copiem comportamentos errados dos adultos, pois, estes são reflexo da nossa sociedade. Está na hora de contribuirmos para a mudança de mentalidades e formarmos cidadãos justos, "humanos" e que aceitem as diferenças.

Em contextos de estágio consegui perceber que este era um tema não abordado pelas educadoras, talvez, por ser um tema complexo, por falta de informação ou até mesmo por terem dificuldade em expô-lo às crianças.

Desta forma, os estágios são uma mais-valia porque temos o privilégio de poder partilhar diferentes experiências de vida com o grupo, observar o seu comportamento e de desenvolver aprendizagens significativas com crianças de todo o mundo.

A única proximidade com a temática eram as atividades que ia realizando de forma a promover o tema. A meu ver esta temática deve ser debatida devido ao grau de importância que tem, para que as crianças aprendam a respeitarem-se e a aceitarem-se tal como são, com as suas diferenças que as tornam únicas.

Por todas as razões apresentadas e pela preocupação que tenho em que haja igualdade e nenhuma criança cresça a sentir-se inferior a outras por ter características diferentes, pois, comentários racistas trazem repercussões graves no futuro das mesmas, decidi escolher este tema para o meu projeto e para trabalhar com os diferentes grupos nos diferentes contextos de estágio.

De modo a poder contribuir para uma explicitação da definição de conceitos que considero chave no meu projeto, recorri a alguns autores de referência que, nomeadamente, serviram de suporte a toda a investigação.

Assim sendo, começo por definir o que é a Educação Inter/Multicultural (conceito central) e a partir deste emergem outros, nomeadamente o de Diversidade Cultural e o Pensamento Crítico.

1.1. Educação Inter/Multicultural

O primeiro conceito a ser abordado refere-se ao de Educação Intercultural e, posteriormente, ao de Educação Multicultural. Contudo, ao longo do trabalho optei por referir Educação Inter/Multicultural porque considere estes dois termos indissociáveis e importantes em Educação.

Segundo Pinto (1998) o conceito de Interculturalidade é visto como sendo o conhecimento, a identificação e o enriquecimento das culturas (p.19). E a Multiculturalidade (...) como o interesse em compreender as diferenças culturais (idem) e a sua assimilação. Por este motivo considero que estes dois conceitos se completam, pois, para nos enriquecermos temos de compreender e aceitar a diversidade.

A Educação Intercultural deve

“(...) promover o reconhecimento e a valorização da diversidade como uma oportunidade e fonte de aprendizagem para todos, no respeito pela multiculturalidade das sociedades atuais. Pretende-se desenvolver a capacidade de comunicar e incentivar a interação social, criadora de identidades e de sentido de pertença comum à humanidade” (Direção-Geral da Educação, 2012, p.5).

Tem como intencionalidade desenvolver estratégias que potenciem

“a construção de identidades particulares e o reconhecimento das diferenças, ao mesmo tempo em que sustentam a inter-relação crítica e solidária entre diferentes grupos partindo da questão «culturas diferentes podem conversar entre si?» (Fleuri, s/d, p.45).

A educação Multicultural é vista por Nieto & Bode (2008)¹ como “um processo de reforma global da escola e da educação básica para todos os alunos”, ou seja, é a sociedade democrática em constante mudança e adaptação das diferenças, as autoras referem ainda que:

¹ Nieto & Bode (2008) citado e traduzido por Ana Pires Sequeira – Tese: Formação Inicial de Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico: vários olhares sobre a diversidade cultural (2017).

“Desafia e rejeita o racismo e outras formas de discriminação nas escolas e na sociedade e aceita e afirma o pluralismo (étnico, racial, linguístico, religioso, económico e de género, entre outros) que os estudantes, suas comunidades e professores refletem.” (p.44)

A educação Multicultural deve ter em conta o currículo e as estratégias a implementar no ensino, de forma a promover aprendizagens

“(…) bem como as interações entre professores, alunos e famílias, bem como o modo em que as escolas conceptualizam o ensino e a aprendizagem. A educação multicultural promove os princípios democráticos de justiça social, por ter a pedagogia crítica como filosofia subjacente e se centrar no conhecimento, na reflexão e na ação (praxis) como base para a mudança social (...)” (idem).

1.1.1. Diversidade Cultural

Cada vez mais observamos que os contextos de Creche e Jardim de Infância têm vindo a integrar crianças de diferentes culturas.

Segundo Kiyindou (2006)² quando nos referimos à Diversidade Cultural

“Há, em primeiro lugar, uma conceção inicial focalizada na arte e na literatura, que se refere à expressão cultural de uma comunidade ou grupo, e engloba a criação cultural em todas as suas formas. Depois, há os modos de vida, os direitos humanos fundamentais, os sistemas de valores, as tradições e crenças que remetem para uma visão mais sociológica e antropológica da cultura.” (p.3)

É de salientar e fazer ver ao grupo de crianças que as diferenças culturais devem ser aceites, respeitadas, valorizadas e acolhidas por todos nós, sejam elas

“diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, linguísticas, de género, cognitivas, motoras ou sensoriais que, ao serem acolhidas e respeitadas no grupo, enriquecem as experiências e oportunidades de aprendizagem de cada uma e de todas as crianças” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.106).

1.1.2. Pensamento Crítico

O pensamento crítico está presente no dia a dia das crianças, porque estas são questionadoras inatas, ou seja, questionam e refletem sobre todos os acontecimentos ao seu redor. É necessário estimulá-las e fazê-las pensar em temáticas mais complexas, adaptando sempre o discurso e as questões elaboradas, às diferentes faixas etárias.

² Kiyindou (2006) citado e traduzido por Ana Pires Sequeira – Tese: Formação Inicial de Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico: vários olhares sobre a diversidade cultural, 2017, p.7)

Assim, poderão deparar-se com realidades distintas e ter um olhar mais crítico sobre o mundo.

“O pensamento crítico é um modo de pensar (sobre qualquer tema, conteúdo ou problema) em que, quem pensa, melhora a qualidade do seu pensamento ao apoderar-se das estruturas inerentes ao ato de pensar e ao submetê-las a padrões intelectuais. Pensar sobre o que se fez, sobre as ideias que se têm para dar conta de um fenómeno, de uma observação ou de uma experiência, refletir sobre os passos que se seguiram para chegar a uma dada conclusão, analisar criticamente um dado procedimento, o modo como emergiu uma nova ideia.” (Gonçalves & Moura, 2013, p. 293)

O pensamento crítico tem como objetivo fazer-nos analisar e refletir sobre situações observadas do nosso quotidiano e que consideramos relevantes. Deste modo, a criança torna-se num indivíduo auto consciente, participativo e ativo na sociedade, com o objetivo de transformá-la.

Como futura educadora devo refletir sobre a minha prática, sobre como solucionar alguns problemas, como implementar estratégias para combater alguns estereótipos e também fazer com que as crianças e a equipa tenham um olhar ainda mais crítico sobre a temática.

Também pensar sobre as atividades que iriam ser realizadas, de forma, a motivá-las e incentivá-las para a temática, para a justiça social e igualdade de oportunidades e acima de tudo para a desconstrução de algumas conceções e atitudes que estejam ligadas ao racismo, preconceito e discriminação.

Ao realizar atividades com os grupos, primeiramente, contextualizava-os para o que se iria proceder, o que iria ser trabalhado e de que forma. De seguida, passávamos ao desenvolvimento da atividade, ou seja, o colocar em prática. E para terminar analisávamos os resultados e debatíamos de forma a trocarmos diferentes pontos de vista e de refletirmos sobre o tema tentando perceber que aprendizagens adquiriram com as mesmas. Considero importante fazê-los pensar de forma crítica e alertá-los para aquilo que está errado fazendo-os tentar solucionar os problemas.

Desta forma, tornava-se curioso quando as crianças se iam recordando de pontos importantes de atividades realizadas, anteriormente, e iam-me questionando de uma forma espontânea, o que demonstrava interesse, aprendizagem e preocupação pelo tema.

1.2. Educação Antirracista

De seguida irei apresentar o conceito de Educação Antirracista e a partir deste emerge outro, nomeadamente, o conceito de Racismo em termos antropológicos.

A Educação Inter/Multicultural apresenta a vertente antirracista e é dessa forma que pretendo trabalhar com o grupo. Educar para o respeito pelas diferenças de cada um, para a justiça social, para a igualdade, para o amor, para a valorização e aceitação, para a diversidade cultural e para a erradicação do racismo.

Por vezes, ouvimos os adultos dizer que é cedo demais para abordar esta temática com as crianças devido à sua faixa etária. Será que é assim tão cedo?

Na minha opinião, este é um tema bastante importante, que se for abordado desde tenra idade poderá fazer com que as crianças tenham outro olhar e outra forma de pensar, sendo mais respeitadoras e sensíveis com outras crianças, isto, porque é nesta fase que as mesmas se encontram no início da formação da sua personalidade. E para isto acontecer é necessário falar sobre o tema e envolver as famílias porque para haver transformações/mudanças temos de trabalhar em conjunto, todos para o mesmo objetivo.

As crianças não nascem racistas, não nascem com propósito de insultar ou de serem maldosas com outras crianças, simplesmente, são influenciadas pela sociedade que as rodeia, através daquilo que ouvem e vêem moldando-se a esses comportamentos.

Cabe aos educadores, como adultos de referência que somos, mudar estes pensamentos mais negativos fazendo-lhes ver que não devem ter atitudes incorretas.

Como adultos de referência devemos promover uma educação antirracista

“onde a pedagogia crítica aufere um estatuto privilegiado por eleger o questionamento, e a reflexão crítica perante a hegemonia de determinados comportamentos e discursos, possibilitando a emergência de ações transformadoras, equacionando a educação como elemento integrante de um contexto social, político e económico” (Mujawamariya & Moldoveanu, 2003, p.197).

1.2.1. Racismo

Ao longo do meu projeto tenciono focar-me nos vários conceitos, de modo a implementar estratégias para combater a discriminação.

O racismo institucional resulta das suas “raízes históricas, e da sua definição de manifestações na sociedade e do modo como pessoas de outra «raça» são mencionadas em textos e nos media.” (López, 2002, que se baseia em Kailin, 1994, referido por Sequeira, 2017, p.90).

“O racismo fundamenta-se no conceito de raça, ou seja, no pressuposto da diferenciação de fenótipos, e na superioridade de uma raça sobre outras. Diferenciam-se as pessoas pelas suas características físicas, especialmente a cor, ou seja, a menor ou maior quantidade de melanina ou traços morfológicos, justificam discriminação, partindo-se do princípio de que uma “raça” (...) se sobrepõe a qualquer outra” (Sequeira, A. P., 2017, p.25).

Porém, podemos afirmar que existem outras formas de manifestações de racismo, não apenas relacionadas com a cor ou com as diferentes características físicas (fenótipo), mas também a nível cultural, social, etc. Quando falamos de racismo sabemos que existe um grupo que se considera maioritário, ou seja, que tem poder e que pode dominar e existe outro grupo que é considerado minoritário que é desrespeitado e discriminado.

1.3. Educação Inter/Multicultural em Educação de Infância

De seguida irei abordar a perspetiva da Educação Inter/Multicultural em Educação de Infância. Durante vários séculos, nem todas as crianças tiveram o privilégio de frequentar o ensino havendo, deste modo, uma grande desigualdade. Quem tinha acesso à escolaridade, eram apenas crianças, que os seus familiares tinham bons cargos e que se encontravam bem posicionados social e economicamente. Seriam aquelas em que os seus pais se poderiam dar ao luxo de as dispensar de tarefas pesadas e necessárias para a sua sobrevivência, dando-lhes assim, a oportunidade de poderem aprender e desenvolver todo o seu conhecimento.

Ao longo dos anos, a educação foi sofrendo algumas alterações passando a ser “um direito de todas as crianças e, por isso, tem como suporte, a igualdade de oportunidades.” (Convenção dos Direitos da Criança, 2019, art.º 28, p.9). A educação está presente em todas as áreas da vida e deve formar cidadãos ativos e com valores.

Atualmente, temos vindo a depararmo-nos com um aumento de múltiplas culturas nas instituições educativas, sendo desta forma um espaço de interação cultural.

Os contextos escolares acabam por ser,

“espelhos das sociedades contemporâneas, que se caracterizam-se pela heterogeneidade. A nível dos processos de ensino-aprendizagem, não é fácil lidar com a diversidade dos alunos que acedem à escola: diversidade socioeconómica e sociocultural, diversidade de experiências de vida e de projetos pessoais, diversidade de capacidades cognitivas e de atitudes e emoções.” (Esteves, M., 2017, p.1)

A escola é um espaço de aprendizagem e de formação, por este motivo deve potenciar estratégias que promovam a mudança, a comunicação, o respeito e a aceitação entre as crianças e as diferentes culturas. Só assim podemos assegurar que não haja qualquer tipo de discriminação. Deste modo, “enquanto espaço emancipador e democrático, a escola tem de dar voz a crianças e famílias de muitos cantos do mundo.” (Sarmiento, T., 2009, p.51)

Ribeiro et. al (2011) afirma que,

“a sociedade delega na escola o papel primordial da educação e que esta reflecte o desenvolvimento da sociedade que apela a uma Educação Intercultural e inclusiva, para que todos os alunos, independentemente das suas necessidades e especificidades, tenham direito a uma educação efectiva e valorativa.” (p.13)

Por mais dificuldades que as escolas possam ter em chegar a todas as crianças, devem as práticas implementadas ser desafiadoras, incentivadoras e inclusivas, proporcionando o sucesso escolar, pois, só desta forma existirá integração e espírito de ajuda de toda a equipa educativa perante as crianças e as famílias.

Para Cury (2007), o Estado tem nas suas mãos o poder maior e tem como responsabilidade potenciar igualdades de oportunidades para todos. Por este motivo, o autor realça a importância de este intervir nas situações de desigualdade fazendo questão de cooperar com a sociedade e com as famílias. Apontando, desta forma, para a igualdade como “o pressuposto fundamental do direito à educação” (p.487).

As crianças devem aprender e adquirir conhecimento sobre diferentes culturas e as suas tradições, para que comecem a valorizar, a interessar-se e a promover atitudes positivas para com os outros, ou seja, “(...) desenvolver competências e atitudes que lhes permitam interagir e viver em sociedades, marcadamente multiculturais e os capacitem para lidar com a “diferença.” (Borges e Silva, s.d., p.1).

As crianças devem ser motivadas a refletir e a aceitar as diferenças dos amigos, a nível étnico, racial, linguístico, religioso, económico e de género, entre outros, para que aprendam com os mesmos e seja promovida a igualdade e justiça social. Devemos sim educar para que as crianças tenham interesse em conhecer e aprender mais sobre outras culturas e que as considerem importantes.

Desta forma, a escola deve adotar uma postura positiva e construtiva consoante a realidade a que se depara. O seu principal foco deve ser a criança e as práticas implementadas devem ir ao encontro da mesma, de forma a cativá-la e de desafiá-la para que esta possa desenvolver aprendizagens significativas acerca do conhecimento do mundo, tal como,

“o desenvolvimento de processos educativos, metodologias e instrumentos pedagógicos suficientemente capazes de abarcar a complexidade das relações humanas estabelecidas entre indivíduos e culturas diferentes; e a reinvenção do papel e do processo de formação de educadores” (Coppete, et al, 2012, p.249).

Deste modo, os educadores devem implementar na sua prática pedagógica metodologias de ensino que valorizem a diversidade e que potenciem a sua aceitação, para que desta forma todas as crianças se sintam respeitadas e incluídas.

Assim sendo, o educador deverá promover contextos multiculturais na sua prática pedagógica “capaz de desenvolver formas alternativas de pedagogia que privilegiem a luta pela inclusão” (Moreira, 2001, p.12). O educador deve ter em conta o currículo, pois, este deve acolher “as diferenças identitárias que marcam os indivíduos e os grupos sociais.” (ibidem)

A educação tem um papel fulcral na vida das crianças acabando por ser um alicerce para estas. É através desta que as crianças adquirem as competências necessárias para saberem viver em sociedade e aceitar as diferenças presentes em cada cultura.

De acordo com o Relatório Mundial da UNESCO (2009), este diz-nos que “em sociedades multiculturais cada vez mais complexas, a educação deve auxiliar-nos a adquirir as competências interculturais que nos permitam conviver com as nossas diferenças culturais e não apesar delas” (p.15).

1.4. Papel do Educador de Infância no Desenvolvimento de uma Educação Inter/Multicultural

O educador de infância deve promover a diversidade cultural e deve garantir o direito à educação a todos os grupos sociais. Desta forma, torna-se possível “a integração social, a educação, o desenvolvimento e a comunicação entre os diversos grupos e indivíduos que coabitam no mesmo espaço, assim como a comunicação e a cooperação transnacional.” (Ramos, 2011, p.189).

O educador deve dar voz à criança e agir como “(...) mediador do processo de ensino-aprendizagem”. E ainda para que a criança sinta que o educador a valoriza “sem estabelecer desigualdades nem hierarquias” (Vieira, 1999, p.152).

O educador deve enquadrar-se numa democracia cooperativa cujas características sejam “o sucesso através da igualdade de oportunidades, alicerçada numa democracia participativa; a diversidade cultural como fonte de riqueza para o processo de ensino/aprendizagem; a rentabilização de saberes e de culturas; e a diversidade cultural na sala de aula tornando-a condição da confrontação entre culturas” (Stoer, 2008, p.77).

Desta forma, cabe ao educador, apoiar e estimular o desenvolvimento e aprendizagem valorizando sempre o tempo e o espaço de cada uma.

As educadoras cooperantes respeitaram sempre todas as crianças e tiveram em conta: “as características da criança, criando oportunidades que lhe permitam realizar todas as suas potencialidades; aceitar e valorizar cada criança, reconhecendo os seus progressos; adotar práticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características individuais de cada criança (...); e promover o desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima em todas as crianças.” (Silva et al., 2016, p. 12)

Em suma, “a criança deve ser protegida contra as práticas que possam fomentar a discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Deve ser educada num espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universal, (...).” (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1959, p. 2).

O educador deve seguir algumas estratégias possíveis para implementar a temática, tais como:

- Peças de teatro;
- Criação de um livro das crianças da sala ou das “crianças do mundo”;
- Visualização de fotografias de diferentes culturas, de diferentes crianças salientando as suas características físicas (ex.: cor dos olhos, o tom de pele, a cor do cabelo) de uma forma positiva, para que estas pudessem perceber que é bom ser diferente;
- Também, da gastronomia, do vestuário, de crianças com patologias/limitações (crianças em cadeiras de rodas, crianças que usam óculos, crianças com manchas na pele) e debaterem em grande grupo (para se depararem com diferentes opiniões e respeitarem cada uma) sobre aquilo que viram e ouviram. Podiam até mesmo no final da conversa realizar um desenho sobre o que foi abordado, sobre aquilo que sentiram e que as sensibilizou fazendo-as refletir sobre o tema ou até mesmo entrevistar as crianças e saber sobre o que pensam.
- Outra das atividades que poderia realizar seria uma visita a outras escolas/centros, ter contacto direto com outras crianças e as suas diferenças. Incentivá-las a ajudar os outros, a doar brinquedos e roupas que já não necessitem, sejam elas da sua própria casa como da escola. Serem elas próprias a reunir os objetos para verem a reação de outras crianças, para poderem brincar com elas e aprender diferentes formas de estar na vida. Trazê-las para a realidade em que vivemos, torná-las crianças informadas e compreensivas para com os outros, ou seja, crianças que amem o próximo.

Desta forma, gostaria de reforçar que, independentemente, da faixa etária podemos sempre trabalhar a temática de uma forma leve e sensível e adequada a cada grupo de crianças, mas para isso acontecer os profissionais da área têm de mudar a sua mentalidade, a sua forma de ver as coisas. Temos de começar pelo adulto, pois, este é a maior referência para a criança e só este as pode incentivar para outras perspetivas. Sem este apoio do adulto a criança pode sentir-se perdida.

CAPÍTULO II - Metodologia de Investigação

Para dar continuidade ao meu estudo baseei-me na investigação qualitativa, a que considerei ser a mais indicada para responder à minha questão e investigação “Como potenciar a Educação Inter/Multicultural em contexto de Creche e Jardim de Infância?” e aos objetivos que delinee, ou seja, valorizar e aceitar as diferenças culturais; promover o respeito pelo outro e pelas suas opiniões; desenvolver um sentimento de partilha e de solidariedade; e, ainda, desenvolver uma atitude crítica em relação aquilo que nos rodeia.

O estudo decorreu em dois contextos de estágio, na valência de Creche e Jardim de Infância. Ao longo deste capítulo explicitarei a opção por investigação qualitativa, mais concretamente na metodologia de investigação-ação, nos procedimentos de recolha e tratamento de informação e nos procedimentos de intervenção.

1. Investigação Qualitativa

De acordo, com Amado (2017), “a investigação qualitativa assenta numa visão holística da realidade (ou problema) a investigar, sem a isolar do contexto ‘natural’ (histórico, socioeconómico e cultural) em que se desenvolve e procurando atingir a sua ‘compreensão’ através de processos inferenciais e indutivos (construindo hipóteses durante e depois da análise dos dados).” (p. 44).

Também Oliveira (2013) defende que a Investigação Qualitativa é,

“(...) o estudo do homem, levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive continuamente. Esse ponto de vista encaminha os estudos que têm como objeto os seres humanos aos métodos qualitativos (...)” (pp. 2-3)

Segundo os autores citados, o investigador concentra-se, principalmente, nas interações e nas pessoas envolvidas, de modo a compreendê-las.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a investigação qualitativa possui cinco características:

- “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal” (p. 47). Para tal, o investigador desloca-se ao local, para conseguir analisar e recolher toda a informação que considera relevante, tendo em atenção o contexto e os intervenientes presentes;
- “A investigação qualitativa é descritiva” (p. 48), ao recorrer-se no estudo, por exemplo, a notas de campo, vídeos, fotografias, transcrições de entrevistas;

- “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos” (p. 49);
- “Os investigadores qualitativos tendem analisar os seus dados de forma indutiva” (p. 50), ou seja, depois de o problema identificado tendem encontrar estratégias para a sua resolução e melhoria;
- “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa” (p. 50). É bastante importante a atenção dada, às conclusões que vamos tirando daquilo que vamos observando, aos dados recolhidos.

É de salientar, que segundo alguns autores, nem todos os estudos necessitam de apresentar todas as características acima mencionadas.

Segundo Bogdan e Biklen (2013) “a abordagem qualitativa requer que os investigadores desenvolvam empatia para com as pessoas que fazem parte do estudo e que façam esforços concertados para compreender vários pontos de vista” (p.287).

A investigação exige atenção e dedicação, pois, é através dos registos diários e notas de campo que o investigador fará uma análise fundamentada daquilo que foi observando diariamente.

No âmbito da investigação qualitativa o meu estudo insere-se numa abordagem de investigação-ação. A Investigação-ação é uma metodologia adotada em estudos do campo educativo, visto que a escola é, por excelência, um dos lugares onde surgem mais incertezas, conflitos e situações resultantes da ação do Homem, “(...) onde a vontade de mudar pulsa a cada momento” (Coutinho et. al, 2009, p.356).

Segundo Coutinho et. al (2009), a Investigação-Ação,

(...) constitui um desafio para todos os profissionais que querem contribuir para a melhoria das práticas educativas. Porque, (...) se coloca a possibilidade (...) de proceder a mudanças, (...) de intervir na reconstrução de uma realidade, a Investigação-Ação regressa (...) para se afirmar como a metodologia mais apta a favorecer as mudanças nos profissionais e/ou nas instituições educativas que pretendem acompanhar os sinais dos tempos, o que só é possível quando toda uma comunidade educativa se implica num mesmo dinamismo de ação e intervenção (p.356).

Recorrendo ao mesmo autor a Investigação-Ação,

“valoriza, sobretudo, a prática, tornando-a, talvez, o seu elemento-chave, importa, então, (...) salientar que no pensamento sobre a prática educativa está sempre implícito o conceito da reflexão (...). É na capacidade de refletir que reside o reconhecimento dos problemas e, conseqüentemente, emerge o “pensamento

reflexivo” associado à prática reflexiva” defendida por Donald Schon (1983)” (Schon, 1983, cit. Coutinho et. al, 2009, p. 358).

Coutinho et. al (2009), apresenta algumas características da Investigação-Ação baseadas em alguns autores, tais como:

- Ser “um estudo de uma situação social que tem como objetivo melhorar a qualidade de ação dentro da mesma”, (Elliot, 1993, p.360);
- “A Investigação-Ação não só se constitui como uma ciência prática e moral como também como uma ciência crítica”, (Kemmis, 1984, p.360); ser “uma intervenção na prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria”, (Lomax, 1990, p.360);
- Ser também “um processo reflexivo que vincula dinamicamente a investigação, a ação e a formação, realizada por profissionais das ciências sociais, acerca da sua própria prática”, (Bartolomeu, 1986, p.360);

No entanto, também podemos ter outra perspectiva, “que nos refere que a Investigação-Ação é um processo em que os participantes analisam as suas práticas educativas de uma forma sistémica e aprofundada, usando técnicas de investigação”, (Watts, 1985, p.360).

A Investigação-Ação também pode ser vista,

“como uma família de metodologias de investigação que incluem ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre a ação e reflexão crítica. (...) são aperfeiçoados os métodos, os dados e a interpretação feita à luz da experiência (conhecimento), Dick (1999). A I-A é também uma forma de ensino e não somente uma metodologia para o estudo. O essencial na I-A é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo (...) para a resolução de problemas como também (...) para a planificação e introdução de alterações dessa e nessa mesma prática” (Coutinho, 2009, p.360).

A metodologia de pesquisa sobre a prática tem como objetivo a resolução de problemas reais e é através da investigação que existe uma ação que tenciona transformar a realidade produzindo conhecimento.

- Desta forma, passo a mencionar algumas das características da Investigação-Ação, segundo Coutinho et. al (2009):

- Participativa e colaborativa (o investigador planeia resolver problemas e melhorar a realidade), (Zuber – Skerritt, 1992, p.362);
- Prática e Interventiva (o investigador intervém na realidade - a ação está relacionada com a mudança), (Coutinho et. al, 2005, idem);
- Cíclica (espiral de ciclos, na qual existem descobertas que possibilitam a mudança, estando interligadas a teoria e prática), (Cortesão, 1998, idem);
- Crítica (participantes procuram uma melhor prática para o seu projeto e atuam como agentes que proporcionam a mudança, que são críticos e autocríticos), (Zuber – Skerritt, 1992, idem);
- “Auta avaliativa, porque as modificações são continuamente avaliadas, numa perspetiva de adaptabilidade e de produção de novos conhecimentos” (Coutinho, 2009, p. 363).
- Quanto aos Benefícios da Investigação-Ação, mencionados por Latorre (2003, p.363) em Coutinho et. al (2009) estes são:
 - A melhoria da prática;
 - A compreensão da prática;
 - A melhoria da situação onde tem lugar a prática;
 - O questionamento das práticas sociais e valores que nela integram com o propósito de serem esclarecidos.

De acordo com esta linha de pensamento acima referida, Simões (1990) afirma que “(...) o resultado da investigação terá sempre um triplo objetivo: produzir conhecimento, modificar a realidade e transformar os atores” (idem).

- Relativamente aos objetivos da Investigação-Ação, estes são:
 - A compreensão, melhoria e reforma das práticas (Ebbutt, 1985, idem);
 - A Intervenção do investigador em situações reais e análise dos resultados dessa mesma intervenção (Cohen & Manion, 1994, idem);

Através da Investigação-Ação devemos “planear, atuar, observar e refletir mais cuidadosamente (...), no sentido de induzir melhorias nas práticas e um melhor conhecimento dos práticos acerca das suas práticas” (Zuber – Skerrit, 1996, idem).

Deste modo, passo a expor as metas da Investigação-Ação, baseadas em Latorre, (2003, idem):

- “Melhorar e/ ou transformar a prática social e/ou educativa, ao mesmo tempo que procuramos uma melhor compreensão da referida prática”, ou seja, pretendo dinamizar atividades relevantes que tenham como intuito desenvolver aprendizagens no grupo de crianças e que influencie a prática da educadora fazendo-a refletir sobre este tema tão importante;
- “Articular de modo permanente a investigação, a ação e a formação”, ou seja, pretendo investigar e articular os conhecimentos prévios adquiridos ao longo dos semestres com situações da prática. “Aproximarmo-nos da realidade”;
- “Fazer dos educadores protagonistas da investigação” (da investigação sobre a temática), envolvê-los nestes projetos significativos juntamente com o trabalho que vamos fazendo com as crianças, aprendendo com os erros para poder melhorar.

2. Procedimentos de recolha de dados

Neste ponto irei abordar os procedimentos de recolha de dados usados na minha pesquisa. A recolha de dados pode ser feita através de diferentes instrumentos. Para a recolha e análise de dados, referente às experiências vivenciadas nos diferentes contextos de estágio, recorri a diferentes instrumentos que explicitarei em seguida: a observação completando com notas de campo, registos multimédia, análise documental e inquérito por questionário.

2.1. Instrumentos de recolha de dados

2.1.1. Observação participante

A observação é um dos instrumentos de recolha mais importantes, visto que “(...) a observação consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto directo com situações específicas.” (Aires, 2011, p. 24). Desta forma, o observador consegue ter uma maior precessão dos acontecimentos, consegue interagir com as pessoas observadas e ter um “(...) conhecimento direto dos fenómenos tal como eles aconteceram num determinado contexto” (Máximo-Esteves, 2008, p.87).

Segundo Carmo e Ferreira (2008), existem três tipos de observação, tais como:

- Observação participante em que o observador adota o “(...) papel de estudioso junto da população observada, interagindo, portanto com a população que se encontra a observar” (p.107).
- Observação participante despercebida em que o observador passa “(...) completamente despercebido à população observada” (p.107).
- Observação não participante em que o observador não tem qualquer tipo de interação “(...) com o objeto de estudo no momento em que realiza a observação.” (p.106)

É de referir que durante os diferentes contextos de estágio realizados, o meu papel foi de observadora participante em que tentei saber mais e perceber cada criança, interagi com as mesmas e fui implementando dinâmicas com o grupo.

Ao longo do tempo fui sempre interagindo e mantendo contacto com os observados (as crianças) tendo em especial atenção às suas reações/attitudes perante o tema do projeto, a Educação Inter/Multicultural. Durante estas observações fui sempre registando com notas de campo e aproveitando os equipamentos tecnológicos para registar com fotografias e vídeos.

2.1.2. Notas de campo

Durante todo o processo de investigação foram realizadas notas de campo fulcrais que me permitiram recolher informações para completar o meu estudo. No decorrer dos estágios, fui anotando tudo aquilo que ia observando baseando-me, também, em conversas formais e informais. O registo de informações permitiu-me mais tarde refletir sobre aquilo que fui observando.

As notas de campo são um registo “escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo.” (Bogdan e Biklen, 1994, p.150). Esse registo é composto por “uma descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas que o investigador considere relevante para a investigação” (ibidem).

Durante os estágios tive, sempre comigo, um bloco de notas no bolso. Nem sempre foi fácil o registo imediato dos acontecimentos, pois, em contexto de Creche as crianças dependiam bastante dos adultos e o meu papel era ajudar a equipa, era estar com o grupo dando amor e carinho, era brincar com as crianças, era ensiná-las... e isso requeria bastante da minha atenção. Por este motivo, muitas vezes, aproveitava as pausas para anotar baseando-me nos registos fotográficos e nos vídeos que ia realizando ao longo do dia para não perder nenhum momento relevante. Para o meu relato focava-me bastante nas emoções, nas/nos reações/comportamentos e interações das crianças. Já em contexto de Jardim de Infância pude destacar nos meus registos as conversas espontâneas e os comportamentos das crianças.

2.1.3. Conversação

A técnica da conversação baseia-se numa conversa direta. Esta técnica permitiu-me recolher informações necessárias, pois, ao longo do meu percurso fui tendo várias conversas com a equipa de sala e com o grupo de crianças para obter mais informações quanto às suas práticas pedagógicas, às suas opiniões e, ainda, os interesses e necessidades do grupo e aquilo que estavam a sentir em relação à temática.

Também, foi importante saber a opinião das educadoras cooperantes para melhorar os pontos onde senti mais dificuldades. Através da conversação pude interagir, expor o meu ponto de vista, demonstrando aquilo em que acreditava e mudar a mentalidade das pessoas, de forma positiva.

2.1.4. Registo multimédia (Fotográfico/Vídeo/Áudio)

Outro dos instrumentos utilizados, que para mim, foi essencial e facilitou refletir, mais tarde, de uma forma pormenorizada e sem esquecer nenhum dado importante foram os registos tecnológicos, ou seja, as fotografias, os vídeos e áudios. Permitiram-me recordar sempre os momentos e ter informações importantes para registar ao longo do meu projeto com o intuito de responder à minha questão central. Também me permitiram descrever os momentos vivenciados, de modo a podê-los referir. Estes registos "(...) são muitas vezes utilizados para compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas indutivamente" (p.183). No entanto, "as fotografias não são respostas, mas ferramentas para chegar às respostas" (Bogdan e Biklen, 1994, p.191).

2.1.5. Análise documental

Ao longo do processo foi necessária uma análise documental, pois, teria de compreender melhor os princípios orientadores da instituição e pedagogia da educadora, pois bem, como a sua intencionalidade e metodologia. Os documentos analisados foram os Projetos Educativos e os Projetos Pedagógicos. Também foi importante esta consulta para perceber de que forma desenvolviam o tema do meu projeto e qual a relevância atribuída para o colocarem em prática. Este era abordado de uma forma muito geral. A pesquisa documental é bastante importante, pois, é uma “passagem de testemunho dos investigadores” (Carmo e Ferreira, 2008, p.73).

2.1.6. Inquérito por questionário

Em cada contexto decidi, numa fase final do projeto, realizar um questionário às educadoras cooperantes (Anexo I) Neste tipo de registo o investigador não interage, de forma direta, com o inquirido. O questionário realizado era composto por cinco perguntas que tinham como tema a Educação Inter/Multicultural.

O inquérito continha cinco questões claras e diretas e de resposta aberta e fechada. Este, também, afirma que “(...) o sistema de perguntas deve ser extremamente bem organizado, de modo a ter uma coerência intrínseca e configurar-se de forma lógica para quem a ele responde.” (Carmo e Ferreira, 2008, p.154).

Decidi realizá-lo para obter a opinião das educadoras e de que forma este tema fazia parte da sua prática, ou seja, o que faziam para o potenciar. Também, saber o que achavam do meu contributo em sala e, ainda, se esse contributo as fez refletir e percecionar a temática de outro modo.

2.2. Instrumentos de análise de dados

Neste ponto explicarei o modo como analisei os dados recolhidos por cada um dos instrumentos.

A técnica baseada na observação participante: Em contexto de Creche, pude observar os diferentes materiais dispostos e se o tema era desenvolvido em sala. Daquilo que fui analisando e registando posso afirmar que não existiam muitos materiais que remetessem para a Inter/Multiculturalidade.

Na sala havia alguns materiais, tais como, livros, puzzles, carrinhos, utensílios de cozinha, malas, etc. No entanto, nenhum destes materiais potenciava a Inter/Multiculturalidade, apenas, existiam três bonecos em que diferenciava o seu tom de pele, sendo este o único ponto que nos conduzia ao tema. Por este motivo, considerei que a sala estava limitada a nível de diversidade de materiais didáticos e lúdicos.

As educadoras sempre tiveram a preocupação em tratar todas as crianças de igual forma, sem desvalorizar nenhuma, demonstrando sempre muito respeito, amor e carinho por cada uma, individualmente. Contudo, o tema não era abordado em sala o que é preocupante.

Estas observações foram recolhidas através do registo diário, fotográfico e através de notas de campo daquilo que considerei relevante para a minha investigação.

Através das **notas de campo** pude analisar as conversas e partilhas das crianças e perceber qual os seus gostos, interesses e as suas vivências. A partir daqui perceber como poderia colocar em prática as minhas atividades, de forma, a ir ao encontro daquilo que, realmente, elas se identificavam e poder promover a temática de uma forma lúdica.

Recolhi dados, através da **técnica baseada na conversação**: em Creche, houve a oportunidade de conversar com as educadoras cooperantes, na qual me deram a conhecer os seus pontos de vista acerca do tema e a forma como cuidavam e respeitavam cada criança.

De seguida, recorri também à **análise documental** para melhor perceção e compreensão do trabalho realizado em sala, da opinião da educadora e das linhas orientadoras da instituição. Fi-la através de leituras, uma primeira mais geral e, em seguida, com o intuito de recolher informação que me permitisse compreender o contexto.

O **inquérito por questionário** que realizei às educadoras de infância e as suas respetivas respostas. As primeiras respostas do questionário correspondiam à educadora cooperante B, que me acompanhou em contexto de Jardim de Infância, as segundas respostas correspondiam à educadora cooperante A, que me acompanhou em contexto de Creche.

Com a realização do respetivo questionário tinha como intenção analisar, por categorias, as respostas dadas pelas educadoras cooperantes, ou seja, conhecer as opiniões das educadoras face ao tema; de que forma dinamizavam a temática (se a dinamizavam); se a consideravam pertinente; de que forma as crianças adquiriam conhecimento com as intervenções realizadas; o feedback demonstrativo das aprendizagens das crianças; e se as dinâmicas as fizeram refletir e ter iniciativa para pesquisarem mais e colocarem em prática, a temática, com o seu grupo.

CAPÍTULO III - Opinião das educadoras cooperantes sobre a temática

Neste capítulo irei apresentar as questões colocadas e as respostas dadas pelas educadoras cooperantes, em contexto de Creche e de Jardim de Infância, através do inquérito por questionário. Tinha como intuito perceber qual a sua perspetiva em relação à temática.

Como potenciar a Educação Inter/Multicultural em contexto de Creche e Jardim de Infância?

Questionário realizado a Educadoras Cooperantes de estágio
(Perguntas e respostas em anexo I)

1ª resposta – Educadora de Jardim de Infância (J.I.)anesx

2ª resposta – Educadora de Creche (C.)

1) A temática abordada nas intervenções em estágio inscreve-se numa abordagem à Educação Inter/Multicultural. Considera a Educação Inter/Multicultural como uma temática pertinente? Pode justificar, por favor, a sua resposta.

- “Considero uma temática pertinente na medida em que os grupos de Educação Pré-Escolar são cada vez mais multiculturais.” (J.I.)

- “Depende da faixa etária, mas sim é importante trabalhar essa temática com o grupo para incutir nas crianças alguns princípios.” (C.)

2) Considera que as intervenções realizadas durante o momento de estágio contribuíram para a aquisição de conhecimentos sobre a temática abordada por parte do grupo de crianças?

- Sim (Resposta dada pelas duas educadoras). ”

3) Após as intervenções qual o feedback por parte das crianças demonstrativo das aprendizagens realizadas? Pode, por favor, dar exemplos.

- “Não me recordo de nenhuma situação em concreto, mas certamente ficaram mais sensibilizadas para as diversas culturas existentes na nossa sala.” (J.I.)

- “As crianças gostaram, mostraram interesse, visto que foi uma atividade interativa e cativadora (história). A meu ver, eram muito pequenas (sala de 1 ano) no entanto estiveram uma escuta ativa e participaram junto da estagiária.” (C.)

4) As intervenções realizadas contribuíram para que considerasse vir a pesquisar outras formas/atividades de trabalhar a temática com o seu grupo de crianças? Pode justificar a sua resposta, por favor.

- “Com grupos de crianças cada vez mais diversificados a nível da sua origem (Bangladesh, Nepal, Roménia, Brasil...) a temática da Inter/Multiculturalidade tem de ser abordada das mais variadas formas e feitios. Assim, procuro variadas atividades para esta mesma temática.” (J.I.)

- “Sinceramente, não pesquisei outras formas/atividades de trabalhar a temática”.
(C.)

5) Na sua prática pedagógica, enquanto educadora, que estratégias pensa poder recorrer caso observasse no seu grupo de crianças atitudes preconceituosas e discriminatórias?

- “Sendo uma das regras principais da sala “Respeitar os amigos”, tais comportamentos não são aceitáveis na vivência entre pares. Sempre apostei na conversa de grande grupo e ouvir cada uma das crianças de modo que os outros se sintam no lugar da criança discriminada. Seria esta a primeira abordagem.” (J.I.)

- “A conversa é essencial. Conversar, mostrar exemplos que somos todos iguais...”
(C.)

Síntese da opinião das educadoras

Independentemente, das respostas dadas pelas educadoras posso referir que presenciei sempre o trabalho em equipa. Fui sentindo ao longo dos estágios que as educadoras e as auxiliares respeitavam todas as crianças, contudo, nem sempre era dada a devida importância sobre as diferenças culturais, ou seja, saber mais sobre a sua origem/essência e sobre valorizar cada cultura.

Através das respostas dadas pelas educadoras conseguimos perceber qual o grau de importância atribuído pelas mesmas ao tema, pois, ao longo do estágio nunca o exploraram e isso deixava-me bastante sensibilizada, pois devemos promover um ambiente inclusivo e diferenciado.

O adulto deve ser um exemplo e deve valorizar cada cultura e cada história de vida de cada criança. Assim sendo, a Cultura, a Diversidade, o Respeito e a Inclusão devem ser abordados desde tenra idade, porque a interação com o outro é primitiva.

À medida que ia implementando as atividades consegui compreender que, independentemente, da faixa etária das crianças o feedback era bastante positivo e que estas demonstravam um grande interesse e contentamento em aprender mais e em participar.

Muitas vezes, deparamo-nos com crianças que se sentem inferiorizadas e não lhes é dado o apoio merecido. Não lhes é dito que também são lindas, inteligentes e importantes na vida de outras pessoas. Infelizmente, este problema vai se arrastando e vai moldando cada criança, durante toda a sua vida, limitando-a às opiniões dos outros, àquilo que a sociedade diz sobre elas.

As educadoras nunca promoveram o tema nas suas práticas, na realização de atividades, na escolha e diversidade dos materiais/equipamentos (isto aconteceu em todos os contextos e nas diferentes instituições em que estive presente). Ou seja, não tinham elementos potenciadores do tema, o único elemento era um boneco com um tom de pele mais escura e um livro.

Por este motivo e por me causar uma inquietação, numa conversa informal, questionei a educadora cooperante (do primeiro contexto de estágio) sobre a não existência de materiais relacionados com a temática e o porquê de nunca a ter trabalhado. A resposta foi que as crianças eram muito novas e que por este razão ainda não tinham noção de alguns conceitos, tais como, racismo, preconceito, entre outros., e ainda referiu que não havia discriminação.

Na minha opinião não precisamos de ter um caso concreto na nossa sala para podermos promover o tema, nem existe uma idade específica para o fazer. Temos sim de prepará-los desde cedo para aquilo que é correto, para que cresçam sensíveis, “humanos”, compreensíveis e respeitadores.

As crianças aprendem e crescem quando se sentem à vontade. Segundo Post & Hohmann, (2011) quando estão “(...) rodeadas de materiais interessantes e de adultos facilitadores (...)” (p.63), adultos que lhes transmitam segurança, apoio e confiança.

CAPÍTULO IV - Descrição e caracterização dos contextos educativos

Ao longo deste capítulo irei apresentar 3 instituições diferentes, bem como, de 3 grupos de crianças diferentes.

1º Momento de Estágio:

- ✓ **1ª- Instituição A** – Contexto de Creche;
- ✓ **2ª- Instituição B** – Contexto de Jardim de Infância;

2º Momento de Estágio:

- ✓ **1ª- Instituição A** – Contexto de Creche;
- ✓ **2ª- Instituição C** – Contexto de Jardim de Infância;

1. Caracterização da Instituição A – Creche

O primeiro e segundo momento de estágio em contexto Creche decorreu na instituição A (mesma instituição). Sofrendo algumas alterações no grupo de crianças e na auxiliar educativa.

1º Momento de Estágio (Instituição A)

- **Equipa Pedagógica:**
 - ✓ Educadora cooperante A. G.;
 - ✓ Auxiliar educativa P. G..
- **Grupo:**
 - ✓ 14 crianças (1 - 2 anos de idade)

2º Momento de Estágio (Instituição A)

- **Equipa Pedagógica:**
 - ✓ Educadora cooperante A. G.;
 - ✓ Auxiliar educativa D. V..
- **Grupo:**
 - ✓ 18 crianças (2 - 3 anos de idade)

O primeiro e segundo momento de estágio decorreram na mesma instituição (instituição A) em momentos de estágio diferentes.

A creche tinha capacidade para 40 crianças dos 0 aos 36 meses. As salas estavam organizadas pela seguinte ordem:

- Berçário - dos zero meses/marcha - até nove crianças;
- Sala Azul - desde a marcha até aos vinte e quatro meses - com capacidade para quatorze crianças;
- Sala Amarela dos vinte e quatro aos trinta e seis meses - com lotação de dezoito crianças.

Era uma instituição sem fins lucrativos e de ensino particular cooperativo, focada, principalmente, no ensino através das artes. Situava-se na União das Freguesias e no concelho de Setúbal e quanto à sua acessibilidade é uma instituição de fácil acesso.

1.1. Projeto Educativo e Projeto Pedagógico

A instituição não se regia por nenhum modelo pedagógico específico, sendo que cada educadora tinha a total autonomia para seguir e implementar as suas práticas com os diferentes grupos. A mesma tinha como referência as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), sendo que se baseava

“nos fundamentos e princípios comuns a toda a pedagogia para a educação de infância, pressupondo o desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis do processo educativo e uma construção articulada do saber em que as diferentes áreas serão abordadas de forma integrada e globalizante” (Silva et. al, 2016, p.31).

Contudo, a educadora cooperante tinha alguns princípios que nos remetiam para dois modelos pedagógicos: o Movimento da Escola Moderna (MEM) e para o High Scope, tal como é referido no projeto pedagógico.

1.2. Descrição e Caracterização do Grupo de Crianças

O grupo da Sala Azul, com 1-2 anos de idade e que mais tarde me foi dada a oportunidade de o acompanhar novamente, sendo desta vez na Sala Amarela, já com 2-3 anos, era um “grupo homogéneo em relação à faixa etária e heterogéneo em termos de desenvolvimento” (Projeto Pedagógico Instituição A e B (2021/2022)). O primeiro era constituído por 14 crianças no total e o segundo por 18 sendo este acompanhado pela mesma educadora, mas com uma auxiliar educativa diferente.

Houve algumas mudanças no grupo, em conversa com a educadora foi-me dito que uma das crianças, a R., que acompanhei no primeiro estágio transitou,

diretamente, para o Jardim de Infância, uma vez que, estava muito desenvolvida a nível social, cognitivo, motor e linguístico, para aquilo que é expectável para a sua faixa etária. Esta foi uma decisão conjunta dos pais e da educadora e por este motivo não a pude acompanhar novamente. A outra mudança foi a entrada de 6 crianças para o grupo. Desta forma, sendo este um grupo constituído por 18 crianças todas elas com personalidades e necessidades diferentes umas das outras.

O grupo de crianças era dinâmico, acessível, cumpridor, autónomo e acima de tudo desafiador. Poderíamos verificar estas particularidades específicas na realização das atividades propostas por mim, de acordo com o meu tema do projeto, e pela educadora cooperante. Era também um grupo comunicativo e que estava sempre pronto para aprender demonstrando um grande interesse pelas artes plásticas, montagem de puzzles, leitura de histórias e brincadeira livre nas áreas (incluindo o exterior). Tive sempre estes parâmetros em consideração e foi neles que me baseei para a construção de atividades mais lúdicas e que lhes proporcionassem aprendizagens significativas.

Refletindo sobre o grupo e relacionando com a diversidade cultural existia uma criança com ascendência brasileira, outra com ascendência inglesa e as restantes com ascendência portuguesa.

A minha missão foi sempre promover a igualdade e fazê-las ver (em ambos os contextos) que as suas diferenças eram vistas como algo positivo e importante e que deveriam ser respeitadas por todos.

No segundo momento de estágio foi bastante importante conhecer os novos elementos do grupo e perceber um pouco sobre cada um e sobre a sua história. Considero ter sido aliciante cativá-las, porém, e mesmo sendo pouco tempo de estágio construí uma grande ligação com as mesmas que me deixou realmente muito feliz e concretizada.

Neste grupo duas das crianças estavam em processo de adaptação (segundo momento de estágio) em que uma delas nunca tinha ingressado na educação infantil tendo ficado até então com familiares. A outra criança a J. não interagiu e nem sempre brincava com os amigos. Gostava mais de estar no seu canto e no seu próprio espaço ou perto de um adulto.

1.3. Descrição das Infraestruturas e espaço físico

O meu estágio foi realizado na sala azul (1/2 anos) e na sala amarela (2/3 anos), onde tive o privilégio de poder acompanhar e observar todo o trabalho desenvolvido pela educadora de infância A. G.

As salas azul e amarela tinham uma configuração retangular e possuíam uma mesa-redonda, na qual eram realizados momentos bastante importantes, como por exemplo, as merendas da manhã, o almoço (apenas na Sala Azul), o lanche e algumas atividades.

Tinham um conjunto de armários, um que continha os registos diários e de higiene e brinquedos. Outro com alguns elementos essenciais para o bem-estar das crianças. E ainda um que servia para guardar os materiais para atividades realizadas pela educadora.

Também tinham um tapete, um espelho, catres e em ambas as salas não existiam cozinha nem casa de banho, o que para nós era visto como um ponto negativo, visto que, nos tínhamos de ausentar, constantemente, da sala para os momentos de higiene.

Todos os materiais dispostos estavam organizados de modo a permitir uma maior circulação por parte das crianças e que acima de tudo desenvolvesse aprendizagens significativas e que estas sentissem que aquele espaço lhes pertencia.

A creche dispunha de um interior pouco amplo, frio e não muito luminoso. Fora da sala encontrava-se a casa de banho, onde realizávamos os momentos de higiene das crianças (muda de fraldas e lavagem de boca e mãos).

Existia também um espaço exterior, que continha equipamentos lúdicos, como por exemplo um escorrega, uma lagarta com formas geométricas para as crianças passarem de um lado para o outro, brinquedos (legos, carrinhos, etc.), baloiço em forma de baleia, este era um espaço sem qualquer tipo de elementos naturais. Visto que as salas eram pouco amplas e era onde as crianças passavam a maioria do seu tempo, o exterior acabava por ser um lugar de descontração e um espaço onde as crianças podiam ter contacto com a luz solar e estar um pouco ar livre. No entanto, não era um lugar natural para as crianças, pois, na minha opinião, seria essencial que houvesse elementos naturais, tais como, folhas, árvores, relva, areia, entre outros, que permitissem experiências sensoriomotoras.

As salas dispunham de materiais educativos de grande qualidade e em número suficiente de modo a promover o desenvolvimento de todo grupo e o interesse individual de cada uma das crianças.

1.3.1. Organização do espaço das Salas Azul e Amarela

Segundo a educadora as salas estavam organizadas por áreas: a área da Construção e tapete; a área da Casinha; a área da Brincadeira “Livre”; a área das refeições; e para terminar a área do descanso (que era uma janela que estava virada para a rua e que se encontrava apenas na Sala Azul) onde as crianças costumavam estar muitas vezes, visto que, a maioria do seu tempo era passado dentro da sala. Desta forma, as crianças acabavam por ter algum contacto com o exterior. As salas azul e Amarela estavam organizadas conforme se pode observar no quadro seguinte.

Áreas das Salas Azul e Amarela:	Continha:
• Área de Construções e tapete	-Um tapete para que as crianças pudessem brincar, etc.; - Um mapa de presenças e um conjunto de brinquedos.
• Área da Casinha	- A área do faz de conta, onde cada criança criava as suas próprias brincadeiras.
• Área da Brincadeira “Livre”	- Nesta área as crianças podiam ser aquilo que quisessem, sem regras nem atividades pré-estipuladas.
• Área das refeições	- Momento de grande importância, pois, potenciava o bem-estar da criança.
Área do descanso (janela virada para a rua) e Acesso ao exterior	- O único contacto com o exterior era uma janela que dava acesso para a rua (Sala Azul). Na sala amarela a educadora levava as crianças ao parque. As crianças gostavam bastante destas áreas e eram consideradas áreas de relaxamento.

2. Caracterização da Instituição B – Contexto de Jardim de Infância

2.1. Instituição B – Jardim de Infância

Relativamente ao primeiro e segundo momento de estágio em contexto de Jardim de Infância, a educadora manteve-se havendo algumas mudanças em relação à instituição, ao grupo de crianças e à auxiliar de educação.

1º Momento de Estágio (Instituição B)

- **Equipa Pedagógica:**

- ✓ Educadora cooperante R. P.;
- ✓ Auxiliar educativa P. A..

- **Grupo:**

- ✓ 24 crianças (3 - 5 anos de idade)

Esta instituição estava integrada na rede pública. A educadora R. P. regia-se pelo modelo pedagógico High Scope e o Movimento da Escola Moderna (MEM). Através destes modelos pretendia que a sua prática fosse o mais apropriada possível para o desenvolvimento de cada criança e que se distanciasse daquilo que é “escolarizar” o jardim de infância.

Seguindo a linha de pensamento do modelo High Scope a educadora orientou, apoiou e desenvolveu aprendizagens significativas para a criança, destacando a sua autonomia e interesse. Um dos aspetos mais importantes era a interação que o educador tinha com o respetivo grupo, pois, o educador era considerado um adulto de referência para a criança, por isso, influenciava o seu comportamento, ajudando-a a construir o seu “próprio eu” e a descobrir a sua identidade.

A educadora esteve atenta e disponível para qualquer intervenção da criança, demonstrando sempre interesse naquilo que esta fazia, ou seja, dando-lhe voz e oportunidade de participar, de maneira que esta se sentisse à vontade para expor as suas dúvidas e abordar temas que lhe fossem importantes, respeitando e valorizando a sua opinião.

Na metodologia High Scope a criança explorava, descobria e era livre de participar e intervir, desta forma havia uma evolução e crescimento no seu desenvolvimento pessoal. “O Modelo High Scope tem a criança como o centro da sua pedagogia. Tudo o que a rodeia vai interferir na sua aprendizagem” (Poupinha, 2020/2021, p.13).

Para complementar o modelo acima referido a educadora também se regia pelo MEM que tinha como objetivo que as crianças participassem ativamente na construção do seu currículo e de novos saberes.

2.2. Projeto Educativo e Projeto Pedagógico

- **Descrição e análise dos princípios pedagógicos**

Segundo o projeto Educativo (2019-2023), este pretendia

“promover (...) a realização atividades/projetos transversais às diversas disciplinas; partilha de experiências e de recursos no âmbito da flexibilidade curricular; criação e/ou adaptação de recursos para o apoio e acesso ao currículo; implementação de práticas de pedagogia diferenciada; realização anual de, pelo menos, um projeto de caráter transversal. (...) utilização de recursos adaptados; dinâmicas de inclusão; mobilizar recursos com vista a garantir a equidade e a igualdade de oportunidades a todos os alunos; reforço da interação com a Intervenção Precoce e/ou o Centro de Recursos para a Inclusão (CRI), (...); ações de sensibilização da comunidade escolar para a inclusão; e (...) garantir a plena inclusão dos alunos que beneficiem de medidas de suporte, aumentando a melhoria das aprendizagens.” (p.24).

Deste modo, “a aprendizagem é impulsionada mais pelo grupo do que pelo professor ou por cada criança individualmente” (Projeto Curricular de Grupo, 2021/2022, p.11).

Esta abordagem “desafia a visão individualista do desenvolvimento infantil, propondo uma perspetiva social, em que o desenvolvimento se constrói através de práticas sociais, dentro de parâmetros históricos e culturais” (ibidem).

2.3. Caracterização da Equipa Pedagógica

Equipa pedagógica constituída por:

- **Equipa Pedagógica:**
 - ✓ Educadora cooperante R. P.;
 - ✓ Assistente Operacional de Sala P. A..

2.4. Descrição e Caracterização do Grupo de Crianças

A sala onde estive a estagiar foi a Sala 1, que tinha 24 crianças –13 meninas e 11 meninos, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, sendo considerada uma sala heterogénea face à idade das crianças.

Quanto ao grupo da Sala 1 posso destacar alguns pontos característicos que considerei mais relevantes, tais como, ser um grupo autónomo nas tarefas básicas, interessado, procurava respostas dentro do seu conhecimento, aderiu com grande facilidade às propostas da educadora e da estagiária para a realização de atividades, divertido, respeitador e bastante acessível, meigo e cumpridor. Porém, em algumas situações, um pouco inquieto e conflituoso, como por exemplo, na partilha de brinquedos, de materiais e do/das espaço/áreas, que por vezes, originava um nome menos positivo ou um empurrão.

Neste grupo, existia uma grande diversidade cultural, dezassete crianças eram de origem portuguesa, cinco brasileiras e duas angolanas, o que, para mim, era bastante importante observar, visto que estava relacionado com o meu tema do projeto de investigação, possibilitando, assim, uma abordagem mais facilitadora à Inter/Multiculturalidade. Dinamizei diversas atividades, observei os comportamentos e atitudes que as crianças iam tendo umas com as outras e também concebi estratégias para combater a discriminação, o preconceito e o racismo.

Senti que a minha relação com o grupo foi crescendo durante este período de estágio, pude analisar as suas ações e os seus comportamentos e mesmo, sendo pouco tempo, consegui percebê-los e identificar alguns traços característicos e próprios de cada um.

O grupo sempre me acolheu bastante bem e permitiu-me brincar e conversar com cada um nas diferentes áreas, consentindo-me entrar um pouco no seu mundo e naquilo que era o seu dia-a-dia.

2.5. Descrição das Infraestruturas e espaço físico

O espaço interior era amplo o que facilitava a exploração dos materiais por parte das crianças. A educadora adaptou a sala às necessidades das mesmas, pensando sempre no seu conforto e qualidade. Este era caracterizado pelos seus materiais didáticos, lúdicos e de qualidade, pelo mobiliário para arrumação dos mesmos e pela sua decoração.

A disposição da sala estava dividida por áreas: a área da pintura, da expressão plástica, das construções e a área da casinha. “As áreas de maior interesse do grupo são a área dos desenhos e pinturas, a casinha e os jogos de mesa” (Poupinha, 2020/2021, p.7).

Quanto aos materiais que estavam dispostos na sala reparei, principalmente, que estavam ao alcance das crianças. Todas conseguiam chegar e tirar os brinquedos que queriam, ou seja, havia essa preocupação para que estas pudessem explorá-los e aprender com eles, dado que, muitos estavam relacionados com as áreas do conhecimento. As crianças exploravam e brincavam com todos os materiais colocando em prática episódios do seu dia a dia.

Quanto à rotina do grupo, inicialmente, tínhamos o momento do acolhimento, a reunião em grande grupo, onde conversávamos um pouco, a educadora contava algumas histórias infantis, mostrava vídeos temáticos e ainda partilhava atividades realizadas pelas crianças com as famílias ou curiosidades que estas tinham. Seguidamente, as crianças iam brincar “livremente” nas áreas onde se identificavam mais.

O espaço era algo característico de cada grupo, por este motivo

“o educador não deve conformar-se com o meio tal como lhe é oferecido, deve comprometer-se com ele, deve incidir, transformar, personalizar o espaço onde desenvolve a sua tarefa, torná-lo seu, projetar-se fazendo deste espaço um lugar onde a criança encontre o ambiente necessário para desenvolver-se.” (Zabalza, 2005, p.235).

Estes espaços devem ser ricos, estimuladores e devem ter a participação ativa da criança na organização dos mesmos, para que se torne algo familiar/próprio de cada uma.

Quanto ao espaço exterior este permitia a criança adquirir, ainda mais, conhecimento e que desenvolvesse as suas capacidades. Era um espaço que incluía alguns brinquedos, pneus, mesas, bancos e uma casinha de madeira. Também continha um telheiro para proteger as crianças do sol e da chuva. Quanto aos materiais naturais não havia muita diversidade à disposição do grupo, apenas alguns paus de árvores e um pouco de areia.

3. Caracterização da Instituição C – Contexto de Jardim de Infância

2º Momento de Estágio (Instituição C)

- **Equipa Pedagógica:**
 - ✓ Educadora cooperante R. P.;
 - ✓ Auxiliar educativa C. C..
- **Grupo:**
 - ✓ 20 crianças (4 - 5 anos de idade)

Este jardim de infância estava integrado na rede pública e estava localizado na freguesia de São Sebastião.

A educadora R. P. regia-se pelo modelo pedagógico High Scope e o Movimento de Escolas Modernas (MEM). Através destes modelos pretendi que a sua prática fosse o mais apropriada possível para o desenvolvimento de cada criança e que se distanciasse daquilo que é “escolarizar” o jardim de infância.

Para complementar o modelo acima referido a educadora também se regia pelo MEM que tinha como objetivo que as crianças participassem ativamente na construção do seu currículo e de novos saberes.

3.1. Projeto Educativo e Projeto Pedagógico

- **Descrição e análise dos princípios pedagógicos**

Segundo o Projeto Educativo (2019-2023),

Visão:

“Um agrupamento inclusivo, aberto à comunidade e à inovação, promotor de práticas educativas de qualidade que valorizem o saber e o mérito, estimulem o sentido crítico, a criatividade e conduzem a formas de participação ativas e responsáveis, com preocupações de sustentabilidade.” (p.14)”.

Missão:

“Prestar uma educação de qualidade, promovendo o sucesso educativo dos alunos e assumindo o compromisso com a sua formação integral, de modo a garantir-lhes a prossecução dos estudos e a vivência de uma cidadania responsável e participativa.” (idem).

Valores:

- Conhecimento;
- Cooperação;
- Equidade;
- Cidadania participativa e responsável;
- Inclusão;
- Solidariedade. (idem)

3.2. Descrição e Caracterização do Grupo de Crianças

O grupo da Sala Amarela, com 4-5 anos de idade, era um grupo heterogéneo quanto à idade das crianças e era constituído por 20 crianças sendo este acompanhado pela mesma educadora, R. P., mas com uma auxiliar educativa diferente, a C.C.

Este foi um dos grupos com uma maior diversidade cultural, pois tínhamos na nossa sala crianças de várias nacionalidades, como por exemplo portuguesas, angolanas, bengalesas. Era um grupo bastante característico e especial devido a todas as diferenças, pois, são estas que nos completam e nos fazem aprender uns com os outros. As diferenças proporcionam-nos novos saberes, um novo olhar sobre o tema e um cuidado especial na forma como tratamos as restantes pessoas. Este era um grupo calmo, curioso em saber mais, ativo e muito acolhedor.

Durante duas semanas de estágio tive a oportunidade de conhecer cada uma das crianças e conhecer um pouco da sua história e de algumas informações relevantes em relação ao seu meio familiar e cultural (ex.: como se adaptaram aos nossos costumes e principalmente a nível gastronómico).

Pude observar o processo de adaptação das crianças que foi bastante complexo e que por vezes é algo demorado, pois, depende do tempo e espaço próprio que cada

criança necessita para se apropriar daquele espaço que à partida lhe é desconhecido e lhe causa insegurança.

A educadora conversou comigo e explicou-me como foi o processo de adaptação do A., do A., e da A. que vieram do Nepal e do Bangladesh para Portugal à procura de uma melhor qualidade de vida. Segundo a educadora, o A. foi quem teve uma adaptação mais difícil isolava-se e ficava no seu canto sem interagir e comunicar com os colegas.

Ao longo do estágio tive sempre uma grande preocupação com esta criança, brincava e tentava comunicar o melhor que conseguia com ela, fazia jogos e chamava o restante grupo para que todos participassem e houvesse espírito entreadajuda. Ao longo destas duas semanas fui conhecendo um A. diferente, isto porque já o via a sorrir, vinha ter comigo para brincar, mostrava-me os seus trabalhos e isso deixava-me completamente feliz. Estas três crianças só falavam inglês e mesmo sendo uma dificuldade minha não deixei que isso fosse uma barreira entre nós, por isso, tinha sempre a preocupação de falar em inglês e depois traduzia para português para que se familiarizassem com a língua portuguesa.

O A. adaptou-se muito bem ao grupo e à rotina tal como a A. que chegou à sala e ficou bastante à vontade e interagiu de imediato com todos e mostrou-se logo encantada com todos os materiais e brinquedos que tinha à sua exposição, talvez, por já ter estado noutra instituição. A A. pedia, várias vezes, à educadora para ir brincar no exterior. Desta forma, conseguimos perceber que era algo que lhe trazia conforto e que esta considerava importante.

3.3. Descrição das Infraestruturas e espaço físico

As características desta instituição são muito parecidas à da instituição B, porque são do mesmo agrupamento. A Sala 3 continha um espaço interior amplo e a educadora adaptou a sala às necessidades das crianças, pensando sempre no seu conforto e qualidade para uma melhor aprendizagem.

É um espaço caracterizado pelos seus materiais didáticos, lúdicos e de qualidade, pelo mobiliário para arrumação dos mesmos e pela sua decoração. Tinha alguns elementos propiciadores a uma abordagem do meu tema de investigação (ex.: jogos didáticos e bonecas com um tom de pele mais escura).

A disposição da sala estava dividida por áreas: a área da pintura, da expressão plástica, das construções e a área da casinha.

CAPÍTULO IV – Descrição e interpretação das Intervenções

Ao longo dos estágios tive em consideração o papel do educador. Observei as suas atitudes, a sua postura, as atividades propostas e ao modo como a sala representava uma diversidade seja ela cultural, linguística ou de fenótipos diferentes. Também tive especial atenção, relativamente, aos materiais que estão à disposição das crianças. Verificar se de algum modo promoveram a igualdade, a diversidade, a justiça social, entre outros.

Ao longo do estágio pude reparar no comportamento das educadoras em relação às crianças. Estas tiveram sempre a preocupação de acolhê-las bem, para que estas se sentissem seguras, confiantes e acarinhadas. Daquilo que fui vivenciando, as educadoras tentaram sempre chegar a todas, apoiando-as e auxiliando cada uma. Não observei qualquer tipo de preconceito ou discriminação perante nenhuma criança. As educadoras tinham uma excelente relação com todas elas, demonstrando sempre muito amor e ternura (ex.: brincavam com as crianças, abraçavam-nas, davam gargalhadas, pegavam-nas ao colo, etc.).

Quanto às estratégias adotadas pelas mesmas e à organização do ambiente e dos materiais não estava pensado para potenciar a Educação Inter/Multicultural em contexto de Creche e de Jardim de Infância.

As educadoras eram justas e respeitavam todas as crianças, no entanto, nunca promoviam a temática com o grupo, o que considerei bastante grave. Ao longo do estágio não senti preocupação nem interesse por parte das mesmas em explorar o tema nas suas diversas atividades. Os materiais não faziam referência ao mesmo, sendo, a única menção ao tema um boneco com um tom de pele mais escura.

Por este motivo, as educadoras poderiam ter promovido e desenvolvido várias atividades com o grupo de crianças para que estas tivessem um maior contacto com a temática. Um dos grandes interesses dos grupos (em ambos os contextos) estava relacionado com as artes de uma forma geral (ex.: histórias, músicas, danças, etc.). Assim sendo, as educadoras poderiam ter ido ao encontro deste interesse.

Era importante que as crianças tivessem, diariamente, contacto com diferentes materiais, livros, brinquedos, filmes, etc... que promovessem a temática para que aquilo que ia sendo referido lhes fizesse sentido e que não fosse algo abstrato. Desta forma, as crianças colocar-se-iam no lugar do outro e seriam mais compreensivas. Assim sendo, tendo esta possibilidade, as crianças, poderiam criar brincadeiras espontâneas que retratassem episódios da vida quotidiana (jogo simbólico). Por exemplo, ter um filho com um tom de pele diferente da sua (e que estas aceitassem essa diferença), ter brinquedos sobre a alimentação (ex.: frutos que são típicos de um certo país e que não

existem em Portugal, puzzles, jogos de associação sobre os animais, vestuário, estilos musicais em comum nos vários países para perceberem que mesmo em sítios diferentes temos semelhanças, entre outros).

Sem estes instrumentos presentes, sem educadoras que promovam o tema não conseguimos desenvolver estas competências, não conseguimos observar brincadeiras por partes das crianças, nem partilhas ou troca de conhecimento. Muitas vezes as educadoras deparam-se com grupos diferenciados, com crianças de toda a parte do mundo e não beneficiam/valorizam o que de bom nos é dado pela diversidade.

Por este motivo, ao longo do estágio fui promovendo a temática realizando dinâmicas com o grupo de crianças. Neste capítulo, irei apresentar e interpretar as intervenções realizadas em contexto de estágio. No final de cada intervenção exponho uma breve reflexão sobre cada uma.

Ao longo do estágio realizei duas intervenções em cada contexto, ou seja, em Creche e em Jardim de Infância. Inicialmente, começarei por descrever as atividades planificadas em contexto de Creche (Instituição A), no primeiro e segundo momento de estágio. Posteriormente, em contexto de Jardim de Infância (Instituição B e C).

Os temas das atividades inseriram-se na temática da Educação Inter/Multicultural. De modo a obter dados que permitissem responder à minha questão de Investigação “Como potenciar a Educação Inter/Multicultural em contexto de creche e de Jardim de Infância?”.

Antes de dinamizar as atividades foquei-me em conhecer o grupo e vice-versa, dando tempo para nos adaptarmos. O meu papel como condutora da atividade foi desenvolver a temática tendo em atenção o gosto e as necessidades do grupo. O modo como abordei o tema foi fulcral, pois, este era bastante complexo. Desta forma, tive em conta um discurso claro, conciso e adaptado à faixa etária do grupo para melhor perceção.

Ao sentir que já tinha criado uma ligação forte com o grupo, conversei com a minha educadora cooperante e a minha orientadora de estágio. Planifiquei e pensei em todos os pormenores de forma a chegar a todas as crianças. Tive em consideração um dos conceitos que desenvolvo neste projeto que é a inclusão respeitando sempre as especificidades de cada uma delas. Também tive em atenção os materiais a serem usados para que o momento fosse favorável e pudesse registar as suas reações e interações.

A primeira atividade dinamizada foi realizada em grande grupo e a segunda numa primeira fase em grande grupo e numa segunda fase em pequenos grupos estando as

restantes crianças a brincar nas diferentes áreas da sala, pois, só desta forma conseguiria chegar a todas e auxiliá-las na execução da atividade dando-lhes a atenção merecida.

1. Intervenções em Contexto de Creche

1.1. Teatro de Fantoches

A primeira intervenção desenvolvida em grande grupo, decorreu no dia 12 de janeiro de 2020 no período da manhã, durante o momento do tapete.

Optei por realizar um teatro de fantoches, baseado numa história (Anexo II) que escrevi a pensar em cada criança e nas suas características específicas, pois, ao longo do tempo fui percebendo que as histórias eram algo que as interessava e encantava. Considerei fazer algo baseado no grupo, pois, ao perceberem que eles próprios eram as personagens iriam manter-se mais concentrados e entusiasmados com a dinâmica implementada por mim. Sendo que, desta forma poderia observar as suas reações e de que forma tinham compreendido a história. Deste modo, para além do gosto pelas histórias também presenciavam outro tipo de experiências que até à data não tinham ocorrido em sala (teatro).

Durante a atividade utilizei diferentes recursos, tais como, fotografias de cada criança (para os fantoches), cartão, cola, tesoura, caixa de cartão para a banca, folhas brancas A4, gravador e coluna para ouvir o narrador contar a história (eu própria) e elementos decorativos. A educadora sugeriu-me que narrasse a história e se possível que fosse em formato digital, pois, desta forma iria captar mais a atenção das crianças ficando assim mais interessadas em ouvi-la. As crianças aderiram muito bem à dinâmica, estavam bastante participativas, animadas e curiosas.

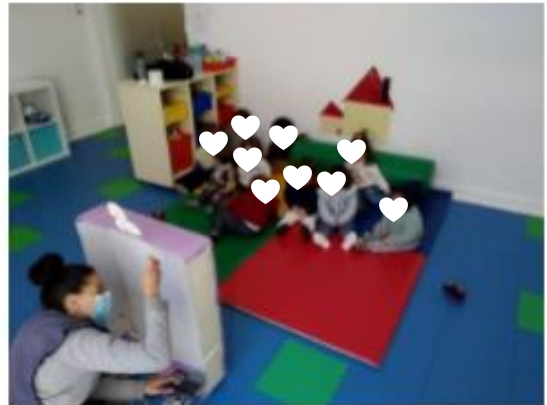
Ao longo do estágio fui sentindo a necessidade de criar os meus próprios materiais para a realização das atividades, pois, tive sempre uma grande dificuldade em obter ferramentas relacionadas com a temática, daí o meu interesse em criar os meus próprios instrumentos.

Esta atividade tinha como intencionalidade potenciar a Educação Inter/Multicultural. A atividade foi planificada e pensada para um grupo de crianças com um e dois anos de idade, consistia num pequeno teatro de fantoches em que as personagens eram cada criança da sala azul. A história baseou-se nas características físicas e psicológicas de cada uma, de modo a promover as diferenças culturais, o respeito e sua aceitação. Quando surgia uma personagem, a narradora falava um pouco sobre essa mesma criança e a sua identidade.

À medida que ia narrando a história ia colocando algumas questões, tais como, “conseguem identificar o amigo?”, “sabem quem é esta amiga?” ou “como se chama este/a menino/a?”, “E este amigo sorridente? Como se chama?”. Por vezes, mal viam a personagem a aparecer, por detrás do cenário que criei, não era necessário perguntar quem era, pois, automaticamente, algumas crianças referiam de imediato o nome daquele amigo. Enquanto narrava a história, no áudio ia dando um feedback positivo às crianças, usando expressões, tais como, “que estava certo”, “muito bem, acertaram!” ou “é isso mesmo!”, de forma a encorajá-las, motivá-las e dar-lhes voz para que tornasse a atividade mais participativa.

Cada vez que surgia uma personagem que representava um menino ou menina da sala, as crianças vibravam e eu sentia esse entusiasmo e carinho da parte delas. A R., a I., a C. e o TB. foram os mais participativos.

Mais tarde, tive a oportunidade de ver as fotografias tiradas no decorrer da atividade. A educadora foi referindo que as crianças, efetivamente, mostraram muito interesse e curiosidade pela atividade. Estavam atentas ao que a narradora da história dizia e sobretudo aos fantoches (os amiguinhos) que poderiam vir a aparecer, posteriormente. Além disso, a concentração das crianças foi notória (figuras 1 e 2), uma vez que a história era sobre o próprio grupo e foi algo relativamente curto, sendo esses dois fatores fulcrais para que a atividade tivesse interesse e as motivasse para o momento.



Figuras 1 e 2 – “Teatro de Fantoques” O grupo estava sentado no tapete a assistir ao teatro realizado pela estagiária. A história do teatro falava das características de cada criança.

Ao realizar a atividade a educadora cooperante foi partilhando comigo as reações do grupo. À medida que ia aparecendo a fotografia de cada criança, o grupo ia apontando para os amigos dando gargalhadas ou até mesmo dizendo “sou eu” “é a R.”.

Desta forma, gostaria de mencionar que após terminar a atividade deixei os materiais à disposição do grupo para poderem explorar livremente e perceberem que nenhuma das personagens era igual e que cada uma tinha as suas próprias características. Pude observar diversos comportamentos e interações das crianças querendo salientar que existiu um grande envolvimento na atividade.

Senti que quando as personagens estavam dispostas pela mesa que a compreensão das diferenças era mais perceptível, isto porque as crianças apontavam para os olhos, para o cabelo, entre outros. Achei bastante interessante as crianças quererem tocar e a importância atribuída às características dos amigos. Algumas crianças davam gargalhadas quando viam uma personagem e a primeira reação era segurarem a sua própria figura. A R., segundo a educadora cooperante, uma menina muito desenvolvida (mais do que expectável para a sua faixa etária) foi de facto a mais interessada na atividade. Sempre que questionava o grupo dizendo “como se chama este amiguinho?” a R. em conjunto com outras crianças da sala, como por exemplo, a C. e a I. iam apontando para os restantes amigos dizendo o seu nome.

Nota de campo: 12 de janeiro de 2020

Intervenientes: Estagiária e alguns elementos do grupo de crianças (C. e a I.)

Local: Sala Azul

(E) Como se chama este amigo? Quem é?

(C.) “M.” (apontando para ele).

(E) Onde está o cabelo do M.? (intenção de fazer ressaltar uma das suas características físicas)

(I.) (Aponta para o cabelo). A C. mantém-se perto de nós e ri-se olhando para o M.

(E) É bonito, não é? É loiro o cabelo do M. É assim muito clarinho como o sol. O da Inês é parecido ao do M.

(I) Rapidamente ela diz: “I., I, é a I.) Muito entusiasmada.

O meu propósito nesta atividade era deixá-los explorar livremente, mas também questioná-los quanto às suas diferenças e ver como reagiam. Houve muitas gargalhadas, apontar de dedos, toques, observações e partilha de carinho. Neste momento pude observar diferentes comportamentos por parte das crianças. Recordo-me de ver a R. a apontar para o cabelo do I. (uma das personagens). O I., por coincidência, era quem estava ao seu lado a ver também as personagens, bastante curioso.

De seguida, a R., olhou para o I. e tocou diretamente no seu cabelo dando uma gargalhada. Achei aquele momento bastante importante, pois, o I. tinha cabelo cacheado e muito escuro. Achei curioso o interesse da R. pelo cabelo do I., pois, era totalmente diferente daquilo que estava habituada a ver e a tocar, visto que o dela era liso e castanho-claro.

De seguida olhou para mim e disse “cabelo I.” a sorrir. Senti que a R. achou interessante e teve a necessidade de tocar. Algumas das crianças chegavam perto bastante empolgadas e sorridentes dizendo “Sou eu” dando gargalhadas, como foi o caso da R., do J., e do TB (3 dos meninos mais velhos do grupo).

Acho que ao longo da história fui evidenciando bem cada detalhe/característica de cada um e considero que foi importante ter as personagens (fotografia de cada um) em modo palpável, pois, conseguiram ver com mais atenção e pormenorizadamente cada detalhe.

A leitura visual foi muito importante, pois, ficaram curiosos em saber quem iria aparecer. A narrativa da história foi escrita por mim, teve o objetivo de ser simples e direta e que mencionasse aquilo que de melhor os caracterizava.

Nesta faixa etária é possível trabalhar o tema e elaborar atividades com as crianças. Para mim, é bastante importante receber feedback positivo por parte das mesmas e inclusive da educadora. As crianças mostraram-se sempre ativas, curiosas e desafiadoras. Senti que fui obtendo bons resultados, o grupo foi sempre bastante participativo, as crianças conseguiram através das fotografias com as diferenças de cada um identificar os amigos, apontando para os mesmos sendo que alguns, inclusive, pronunciavam o nome dos amigos mostrando um grande contentamento. Senti, também, que fui bem-sucedida naquilo que pretendia e que pude trabalhar com o grupo as diferenças.

Isto só aconteceu porque de facto era necessário e essencial adaptar as crianças ao contexto e às características de cada uma, ou seja, o educador deve “(...) proporcionar uma experiência agradável à criança e fomentar o desenvolvimento (...)” (Formosinho et. al, 2013, p.53).

Esta experiência foi, de facto, bastante gratificante porque consegui manter uma forte ligação com o grupo, sendo que, em diversas vezes recorriam a mim para que as auxiliasse a resolver alguns conflitos (ex.: partilha de brinquedos), quando se magoavam, quando necessitavam de afeto, quando queriam que eu lesse uma história ou ainda quando me pediam para brincar. Criar estes laços afetivos foi algo genuíno e muito importante tanto para mim como para elas.

1.1.1. Síntese reflexiva da atividade

Para esta primeira atividade dinamizada tinha como intencionalidade incluir diferentes culturas, trabalhar a temática com o grupo de uma forma lúdica, compreender as reações das crianças ao tema (visto que nunca tinha sido abordado), ou seja, observar as suas emoções, comportamentos e comentários e que aprendizagens adquiriram. Também tencionava que as crianças percebessem a existência de diferentes fenótipos (diferentes rostos, diferentes cabelos, etc.). De modo que estas se aceitassem como eram e não tivessem comportamentos de rejeição perante outras crianças com características físicas diferentes. Achei a realização destas atividades bastante importantes, pois, as crianças aprenderam a respeitar e a aceitar o próximo.

Ao apresentar a temática tencionava sensibilizar a educadora para a importância da realização destas atividades com as crianças. Salientar que é bastante importante trabalhar questões como o respeito pelo outro, a valorização de uma nova cultura tornando-os, desta forma, mais sensíveis ao “diferente”. Sempre que falávamos do tema conseguia perceber que a educadora respeitava e amava cada criança com as suas características próprias, mas que não o trabalhava com o grupo.

“A criança deve ser protegida contra as práticas que possam fomentar a discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Deve ser educada num espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universal, e com plena consciência de que deve dedicar as suas energias e aptidões ao serviço dos seus semelhantes.” (Assembleia Geral das Nações Unidas, (1959), p. 2).

Cabe ao educador apoiar e estimular o desenvolvimento e aprendizagem de cada criança. Este deve ter “em conta as características da criança, criando oportunidades que lhe permitam realizar todas as suas potencialidades”; incluir “a família e sua cultura na sua ação educativa”; aceitar e valorizar cada criança, “reconhecendo os seus progressos”; estimular “as iniciativas da criança, apoiando o seu desenvolvimento e aprendizagem”; tirar “partido da diversidade para enriquecer as experiências e oportunidades de aprendizagem de todas as crianças”; adotar “práticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características individuais de cada criança e atendam

às suas diferença”; e promover “o desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima em todas as crianças.” (Silva et. al, 2016, p. 12).

1.2. “O Elmer e os Opostos” e um Jogo Didático

De seguida apresentarei a segunda atividade planejada, no segundo momento de estágio, em contexto de Creche (Instituição A). A atividade ocorreu nos dias 21 e 22 de outubro com a duração de duas manhãs.

Ao planificar pensei nos recursos que iria utilizar e mais uma vez decidi criar os meus próprios materiais. Desta forma, necessitei de um Livro “O Elmer e os Opostos de David Mckee” (Anexo III), cartão, cola, tesoura, folhas A4, desenhos realizados por mim, lápis de cor, fita cola, guache, pincel e papel autocolante.

A atividade que dinamizei com o grupo baseou-se na leitura de uma história. Ao longo da história fui colocando algumas questões às crianças, de forma a motivá-las para o que iria acontecer. Após a leitura tivemos um momento descontraído, visto que, tive como principal intenção os interesses do grupo. Construí 3 puzzles, onde cada criança colocaria uma figura (o elefante) no local correto do tabuleiro (Figuras 3 e 4). As figuras tinham diferentes características (todas elas presentes no livro), tais como, um elefante “magro” e outro “gordo”, um “alto” e um “baixo”, etc.



Figuras 3 e 4 - V. e o M. a realizar a atividade bastante concentrados e a desfrutar do momento.

Esta atividade teve como intencionalidade potenciar a Educação Inter/Multicultural para que as crianças aprendessem a viver com as características próprias de cada um; para que aceitassem, identificassem e reconhecessem as diferenças; “Apoiar as crianças a relacionar o que já sabem com o que aprendem de novo.” (Silva et. al, 2016, p.39);

Comecei por apresentar a história em grande grupo e depois trabalhar em pequenos grupos para auxiliá-los e para reforçar as diferentes características.

Tive a oportunidade de chamar uma criança mais alta e uma mais baixa e comparar os seus tamanhos, tal como, as personagens do livro. Assim as crianças poderiam perceber que na realidade (na nossa vida quotidiana) também existem diferenças e que mesmo com essas diferenças podemos gostar uns dos outros e sermos todos amigos. Ao acabar de contar a história expliquei o que iria acontecer a seguir e que o grupo iria fazer um jogo de tabuleiro, com as figuras do livro que tínhamos lido. Todos quiseram levantar-se para participar.

Contudo, decidi trabalhar nesta segunda fase em pequenos grupos para conseguir dar a devida atenção a cada criança e auxiliá-la na realização da atividade. Antes de planificar a atividade conversei com a educadora cooperante e recebi alguns conselhos, tais como, trabalhar em pequenos grupos, pois, desta forma conseguiria trabalhar e observar melhor cada uma das crianças.

Ao longo da atividade fui chamando a atenção de cada criança para aquilo que mais caracterizava as figuras da história e dizendo algumas frases tais como, já viste como este elefante é muito diferente deste e mesmo assim é muito querido/giro/divertido. Ele está feliz e é muito especial “.

O livro abordado em sala tem uma linguagem muito simples e de fácil compreensão com ilustrações que prendem a atenção das crianças. Ainda assim fui acrescentando algum texto que improvisei no momento, conforme a disposição do grupo, para que houvesse um fio condutor e para demonstrar que existia uma grande diversidade.

Decidi mudar um dos aspetos da história e colocar todos os animais “iguais”, ou seja, em vez de existir um leão, um pássaro, entre outros passaria a existir apenas elefantes. Desta forma, a figura principal seria o elefante, mas com diferentes características. Tinha como objetivo que as crianças percebessem que somos todos diferentes até mesmo no nosso seio familiar.

Nota de campo: 22 de outubro

Intervenientes: Estagiária e alguns elementos do grupo de crianças (V, C., e a I.). De uma forma geral todos responderam e participaram, pois, esta primeira fase da atividade foi em grande grupo.

Local: Sala Amarela

(E) Amigos, como se chamam estes dois animais que a Bela está a mostrar? Este e este (apontando para um elefante grande e um pássaro pequeno)

(V. e o J.) Elefante!

E) Muito bem! Mas estes elefantes não são iguais, pois não? Este é alto ou pequeno (apontando para outra ilustração do livro)?

(C.) Alto!

(I) Ao mesmo tempo que a estagiária perguntava a I. levantava o braço para demonstrar que era alto.

Eu e a educadora dividimos o grande grupo em dois grupos e fomos realizando com 3 /4 crianças de cada vez, enquanto os restantes brincavam nas diversas áreas da sala. A educadora cooperante participou na tarefa e no final partilhou comigo o seu feedback de como correu a atividade. Esta atividade decorreu em dois dias, pois, no primeiro dia o grupo estava bastante agitado e tinha sido uma semana um pouco complicada, visto que estávamos apenas as duas em sala.

Em conversa com a educadora achámos por bem repetir a atividade no dia seguinte, visto que o grupo não estava predisposto para realizá-la. Foi a melhor opção, pois, no dia seguinte foi notória a concentração e o interesse por parte das crianças. Por vezes, temos de “fugir” um pouco daquilo que planeámos, visto que o bem-estar do grupo é essencial e é o mais importante. Perceber o que os estava a deixar mais inquietos, tentar acalmá-los e deixá-los brincar livremente.

Houve uma observação que me marcou bastante e que me deixou muito orgulhosa e ainda com mais vontade de trabalhar este tema na minha vida futura como profissional na área. Estava sentada ao lado do M., um dos meninos mais crescidos e este disse:

(M) “Beua, olha! Ête é peto e ête não!

(E) Pois é, meu amor. Eles não são iguais. Este tem muitas cores, verde, azul, amarelo, muitas! E este é preto e.... qual é esta cor M.?”

(M.) Banco!

(E) Muito bem! Eu gosto muito dos dois e tu (M.)? Abana com a cabeça dizendo que sim.

Fiquei muito feliz, pois, conseguiu perceber que existiam diferenças. Eu, ao longo da leitura ia chamando a atenção do grupo para este tipo de características e perceber o que retiveram daquilo que ouviram e observaram.

1.2.1. Síntese reflexiva da atividade

Depois de trabalhar o tema com o grupo senti que a educadora de infância estava mais sensibilizada, que lhe despertei alguma curiosidade em explorar, pois, quando terminei de apresentá-lo colocou-me algumas questões acerca do mesmo. E quando finalizei a atividade por completo referiu que gostou bastante, que tinha lido e interpretado bem a história, que passei a mensagem ao grupo, que dei vida ao texto e que se tornou num momento interessante. Elogiou-me da forma como dinamizei, pois, falei do tema de uma forma simples referindo que fui por um caminho dinâmico e lúdico e que por isso as crianças reagiram positivamente. Ao interagir e envolver-me em tudo o que estava a proporcionar consegui cativar o grupo e que estes estivessem interessados.

Num momento mais calmo refletimos sobre o que dinamizei e a educadora mencionou que estaria mais sensibilizada e com uma mente mais aberta para exemplos de atividades.

Desenvolvi com o grupo o seu sentido de descoberta para a temática. As crianças envolveram-se ativamente nas tarefas e pude reforçar o quão importantes somos e que cada um é especial com as suas características e a sua história de vida. Devemos ser impulsionadores de novas experiências e devemos “criar ambientes positivos e ricos em oportunidades de interação (...) que facilitem a concentração e o envolvimento.” (Silva et. al, 2016, p.73).

As crianças puderam perceber através da história que existem diferenças, tal como nós. Que somos todos diferentes e que podemos sentir-nos bem com isso. Fi-las perceber que é uma mais-valia para todos nós falarmos daquilo que mais nos difere uns dos outros e que só assim podemos conhecer e aprender sobre novas culturas, partilhando as nossas vivências e aquilo que sentimos.

De um modo geral, todas as crianças participaram estando bastante empenhadas e concentradas naquilo que estavam a realizar.

Instituição B e C – Contexto de Jardim de Infância (1º e 2º Estágio)

2. Intervenções em Contexto de Jardim de Infância

2.1. Atividade sobre o livro “Um menino diferente”

A mudança de instituição permitiu-me conhecer e trabalhar com um grupo de crianças diferente. Assim, tivemos mais um momento de adaptação, para ambas as partes, e tive de pensar em atividades que fossem do interesse do grupo e que respeitassem o tema do projeto de investigação.

Durante duas semanas (semana de 19 a 28 de abril de 2021) tive a oportunidade de intervir e de dinamizar uma atividade que para mim foi bastante importante. A atividade baseava-se no livro “Um menino diferente” de Maria Carvalho (Anexo IV).

Decidi concretizar esta atividade porque tinha como intencionalidade transmitir-lhes alguns valores e atitudes e que o grupo tomasse “consciência dos seus direitos e deveres” (Silva et. al, 2016, p.28).

Com esta atividade pude abordar as diferenças físicas, fazendo-os ver que as diferenças dos amigos são algo bastante positivo; que aprendessem, aceitassem e respeitassem o próximo; que tivessem um espírito de entreajuda para com aquelas crianças que necessitam da nossa atenção; fazê-las refletir sobre a importância de percebê-las ao máximo sem as julgar, e acima de tudo envolvê-las e incluí-las na nossa vida.

Esta atividade integra as áreas de formação pessoal e social e também a de expressão e comunicação.

“A área de Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, se insere em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância, uma vez que tem a ver com a forma como as crianças se relacionam consigo próprias, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes, valores e disposições que constituem as bases de uma aprendizagem bem-sucedida ao longo da vida e de uma cidadania autónoma, consciente e solidária” (Silva et. al, 2016, p.37).

É nos contextos que as crianças desenvolvem as suas relações e interações sociais

“(…) e com o meio que a criança vai construindo referências, que lhe permitem tomar consciência da sua identidade e respeitar a dos outros, desenvolver a sua autonomia como pessoa e como aprendente, compreender o que está certo e errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros, valorizar o património natural e social” (Silva et. al, 2016, p.37).

É através da inter-relação

“que a criança vai aprendendo a atribuir valor aos seus comportamentos e atitudes e aos dos outros, reconhecendo e respeitando valores que são diferentes dos seus. A educação pré-escolar tem um papel importante na educação para os valores, que não se “ensinam”, mas se vivem e aprendem na ação conjunta e nas relações com os outros” (Silva et. al, 2016, p.37).

A educadora cooperante conversou com o grupo (reunião em grande grupo na parte da manhã) sobre os conflitos que estavam a acontecer. Sendo que uma das meninas do grupo se queixou de uma amiga que tem Síndrome de Phelan – McDermid. Não era da sala, mas sim da instituição e brincava com o grupo sempre que iam para o exterior. Algumas vezes as crianças tinham medo desta amiga, pois, esta puxava os cabelos e empurrava com muita força.

Passando para a descrição da atividade, gostaria de referir que primeiramente, comecei por contextualizar o grupo para a abordagem do tema do livro “Um Menino Diferente” de Maria João Lopo de Carvalho (figura 8).

Deste modo, aproveitei a oportunidade para explicar a importância deste tema. Em grande grupo debatemos e refletimos sobre as diferenças. Como apoiar, ajudar e comportar-se perante estes amigos especiais. Questionei o grupo sobre o que é ser um menino diferente/especial? O que temos de fazer com esse amigo?

Ao longo da leitura percebi que as crianças estavam bastante interessadas e observaram atentamente as imagens. Ia mostrando as ilustrações e respondendo às suas questões acerca da história.

O livro tinha como mensagem principal demonstrar que algumas crianças são diferentes, no entanto capazes de fazer coisas muito especiais. Demonstrar ao grupo que não se deve maltratar os amigos, mas sim aceitá-los, ajudá-los e integrá-los.

Algumas das respostas dadas pelas crianças ao abordar a temática:

- “Temos de conversar ou ir dizer (ir dizer a um adulto caso aquele amigo tenha uma atitude menos positiva)” (F.);

- “Temos de ter respeito!” (S.V.).

Depois da leitura da obra tivemos um momento de conversa. No final, as crianças conseguiram perceber a diferença da personagem principal e ficaram contentes referindo o que gostariam de conseguir fazer de diferente dos outros.

Por este motivo propus que pensassem numa diferença/dom/desejo que gostariam de ter e que fosse muito especial. Mostraram-se participativos e compartilharam comigo e com a educadora as suas vontades. Tiveram ideias tão originais que voltei a propor outra atividade, sugeri que, após a realização dos desenhos, realizássemos um livro em equipa para colocar na nossa biblioteca, ou seja, o livro dos desejos, das diferenças, o que queriam ser os meninos da Sala 1 (figura 5).

No final as crianças partilham ideias (figura 6), dão exemplos de dons “eu adorava que o meu tio fosse um robô para ajudar a lavar a loiça da minha avó (L.), pintar com um lápis de olhos fechados (V.), gostava de estudar e escrever letras (I.), etc.; descer as escadas com os olhos fechados” e diziam que também queriam ser como o Afonso (personagem principal)

Enquanto, construíamos o livro tive uma surpresa bastante positiva, pois, a A.L. questionou-me sobre a personagem do livro, voltou para área do tapete e começou a contar a história à sua amiga C., ou seja, demonstrando atenção, interesse e entusiasmo pela atividade que proporcionei.

Para finalizar, perguntei ao grupo se tinham gostado da história e responderam que sim. Ainda assim, nem todas as crianças aderiram à realização e construção deste livro, mas aqueles que o fizeram foram bastante originais e criativos. O D. (figura 7) foi um dos meninos que mais participou e ajudou no processo desta atividade.

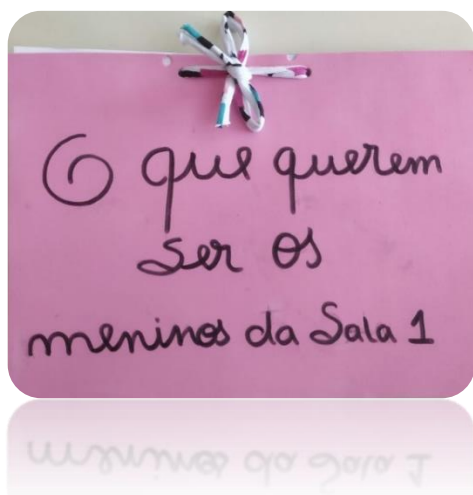


Fig. 5 – Livro: Construído e realizado por alguns elementos do grupo da Sala 1 - D., L., J., M.C., I., S.V., V., G., E., e o F.

Fig. 6 – Uma das páginas do Livro (baseado na história “Um menino diferente”) – Desenhos e os desejos correspondentes, na folha, e qual a razão da sua escolha.



Fig. 7 – Livro: “O que querem ser os meninos da Sala 1” (título escolhido pelas crianças para o livro que foi realizado pelas mesmas. D. coloca-o na biblioteca da Sala 1.

2.1.1. Síntese reflexiva da atividade

O balanço que faço relativamente a esta atividade é bastante positivo, pois, de uma atividade simples e prática conseguimos trabalhar vários pontos importantes, tais como, o respeito pela diversidade e pelas diferenças físicas. O grupo demonstrou entusiasmo em contruir um livro sobre uma diferença que gostariam de ter. Com esta atividade fi-los ver que essas diferenças nos fazem ser seres únicos e que podem ser vistas como algo positivo e de aprendizagem para os outros.

As crianças aprenderam a:

- Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social.” (Silva et. al, 2016, p.40);
- “Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros.” (ibidem)
- “Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia.” (ibidem).

3. Planificação e Atividades Dinamizadas – Semana de 17 a 19 de maio

3.1. Planificação – Jardim de Infância (1º momento de estágio)

As atividades realizadas inserem-se na área de conhecimento Expressão e Comunicação e na área de Formação Pessoal e Social. As tarefas dinamizadas tiveram a duração de três dias consecutivos e integraram três domínios, tais como, o da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, o da Expressão Artística (Artes Visuais) e o de Educação Física. Para a realização das atividades utilizei o livro “A Surpresa de Handa” de Eileen Browne (figura 12) para sensibilizar as crianças para um tema bastante importante, a diversidade cultural e o respeito pelo outro.

3.1.1. 1ª Atividade Dinamizada (Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)

Para a realização da primeira atividade planificada e dinamizada, em contexto de jardim de infância, foram necessários alguns materiais, tais como, história “A Surpresa de Handa” (Anexo V), em formato PDF, computador, retroprojektor e cartões (atividade). A atividade foi dividida em diferentes partes com objetivos diferentes.

• Descrição de Atividades

Nesta primeira parte da tarefa, antes da Leitura (pré-escuta), tive como intencionalidade preparar as crianças para as atividades a serem realizadas. Desta forma, motivá-las a ouvirem a história; aumentar o seu interesse sobre a mesma; incentivar e despertar a atenção das crianças para a sequência de acontecimentos; ativar e proporcionar novas competências e ou “conhecimentos facilitadores da compreensão oral e convocar conhecimentos” (vocabulário, curiosidades sobre uma diferente cultura, vestuário, tradições, etc.) (Pinto et al., 1998, p.9).

• 1º passo:

-Em grande grupo contextualizar as crianças para aquilo que se iria suceder;

• 2º passo:

Antes da leitura da história “A Surpresa de Handa”:

- Falar sobre os elementos paratextuais – capa, título, autor, editora...). Alargando o seu campo de conhecimento. E com esta história poder trabalhar vários elementos ao mesmo tempo, conciliando com a temática central.

- **Exemplos de questões colocadas ao grupo:**

- Esta história será sobre o quê? O que fará esta menina com a cesta na cabeça? O que será que vai acontecer? O que conseguimos ver e saber através da capa? Qual será o tema?...).

Nota de campo: 17 de maio

Intervenientes: Estagiária e o F. e a V.. De uma forma geral todos responderam e participaram, pois, esta primeira fase da atividade foi em grande grupo.

Local: Sala 1

(Estagiária (E)) Sabem qual é o nome que se dá a estas letras maiúsculas?

(F.) É um T.

(V) É uma seta.

(E) É o título da nossa história.

(E) O que acham que vamos falar nesta história? Qual será o tema?

(F.) É sobre indianos, não é?

(E) Será?! Temos de descobrir.

(E) Olhando para a nossa capa, o que conseguimos saber mais? O que iremos falar?

(V.) Sobre fruta!

(E) E mais? Será sobre brinquedos?

(V.) Não! Sobre animais.

(E) Muito bem! É isso mesmo!

Antes de passarmos à fase seguinte expliquei ao grupo que iríamos falar sobre os sete frutos que a Handa levava na sua cesta e que deveríamos estar atentos para percebermos o que iria acontecer aos mesmos.

Após concluirmos a primeira parte da tarefa (a fase de preparação), seguimos com a leitura da obra de forma integral (escuta), ou seja, ao longo da história fui questionando as crianças para o que se sucedia, de modo, que pudessem participar ativamente nesta atividade.

Também “a leitura das imagens que acompanham o texto (...) proporcionou momentos de interação com as crianças, mobilizando o seu conhecimento prévio das diferentes áreas e/ou levantando questões a propósito de um conteúdo específico” (Pinto et al., 1998, p. 10).

É fulcral que durante a leitura sejam valorizadas e realçadas as respostas apresentadas pelas crianças, ou seja, reconhecendo aquilo que já sabem. Assim sendo, esta abordagem ajuda o grupo a preparar-se para a atividade de leitura que se segue, contribuindo tanto para o seu empenhamento como para o seu interesse e motivação.

Para esta atividade tive como intencionalidade educar para a Inter/Multiculturalidade, para o respeito pelas diferenças culturais, manter as crianças interessadas no desenrolar da história, que pudessem participar dando a sua opinião sobre aquilo que iam observando, pudessem partilhar as suas ideias ou curiosidades acerca do tema.

•3º Passo:

- Nesta fase da atividade decidi projetar a história na parede (figura 8). Li-a e fui perguntando ao grupo sobre o que estavam a observar.



Fig.8 Projeção da história “A Surpresa de Handa”.

As crianças mostraram-se bastante interessadas, encantadas e entusiasmadas com a projeção da história na parede. Coloquei no chão umas almofadas para que se pudessem sentar e se sentissem mais aconchegadas. Muitas colocavam as mãos no ar para verem as suas sombras na parede. Foi algo que até à data não tinham vivenciado e isso fez com que a atividade fosse tão significativa e interessante.

Para terminar perguntei ao grupo o que aconteceu no final da história; se a Handa teve uma boa atitude; como reagiu a sua amiga Akeyo; se gostaram da história; como foi ver a história projetada no teto, o que sentiram e debatemos um pouco sobre o livro (ideias que o grupo quisesse partilhar). Foi um momento muito interessante e foi importante perceber que deram atenção àquilo que foi contado valorizando uma nova cultura. Desta forma, partilho uma nota de campo que o comprova.

Nota de campo: 17 de maio

Intervenientes: Estagiária e o F. (momento em grande grupo – partilha de ideias/opiniões).

Local: Sala 1

(F.) Bela, a Handa é diferente, não é?! Mas ela tem o cabelo como o da V. Assim enrolado, sabes? (fazendo os gestos junto do seu cabelo)

(E.) Tens razão F., a Handa é uma menina especial com características muitas especiais e diferentes, mas isso é muito bom porque nós aqui também não somos todos iguais, pois não? (a estagiária ressalta algumas características dos amigos presentes, usando-as como exemplos). E sabes os “enrolados” como disseste chamam-se tranças. É um penteado típico do país da Handa, da sua cultura africana.

(F.) Bela, não estou a perceber. O que é isso que disseste?

(E.) O quê? Características?

(F.) Sim!

(E.) As características é aquilo que nos torna diferentes e únicos, como por exemplo, a V. ter os olhos verdes e tu castanhos. A V. ter tranças e tu o cabelo liso. Como a V. ter um tom de pele mais claro e a outra V. ter um tom de pele mais escuro.

(F.) Ah, já percebi Bela!

Na última parte da tarefa, após a leitura propus um conjunto de atividades de exploração acerca da história, de forma a trabalharem o tema. Desta forma foram definidas tarefas relacionadas com a compreensão oral, perguntas de resposta fechada e divisão silábica. O grupo foi desafiado a realizar alguns jogos, tais como, o jogo dos cartões (“escolha múltipla” (EM)); jogo “Quem Sou Eu?”. Esses cartões continham informação sobre África Oriental. Para a realização dos mesmos baseei-me na cultura da tribo Luo So Sudoeste do Quênia (referente na história). Nestes eram bordados a alimentação típica, por exemplo os frutos, os animais, o vestuário utilizado pela personagem e as suas tradições.

Com estas atividades pretendi que as crianças compreendessem “mensagens orais em situações diversas de comunicação”; usassem “a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade) (Silva et. al, 2016, p.73); e tomassem consciência gradual sobre diferentes segmentos orais que constituem as palavras (Consciência Fonológica).” (Silva et. al, 2016, p. 66).

Para consolidar os conteúdos abordados na história dinamizei algumas atividades, tais como:

1. Jogo dos cartões (escolha múltipla)

Entrega de “cartões”, com imagens referentes à história, em que as crianças tiveram de fazer um círculo à volta da resposta correta, consoante, as informações dadas. De seguida fizemos a divisão silábica da palavra (da resposta correta) (Figuras 9 e 10).

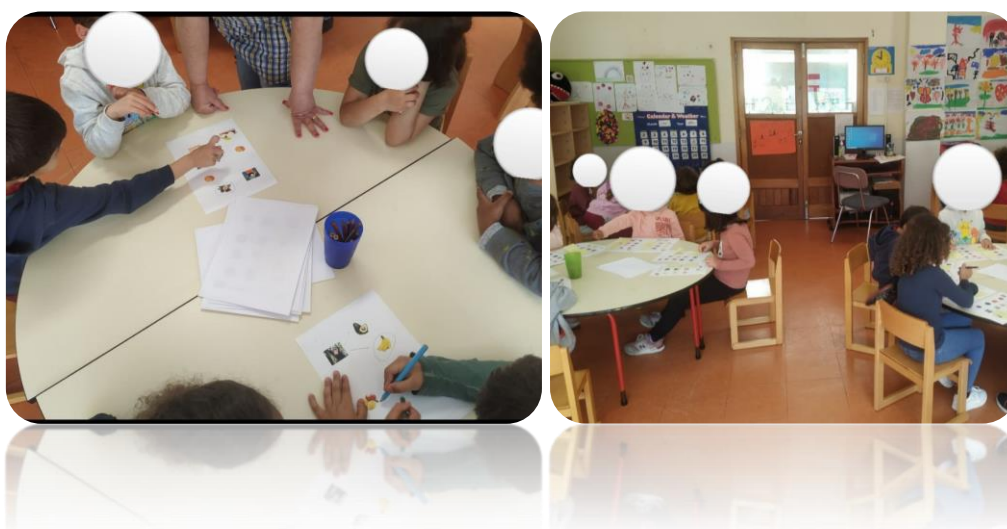


Fig.9 e 10– Realização da atividade o “Jogo dos cartões”.

Com a seguinte atividade trabalhei a concentração, a interpretação e a memorização das crianças sobre a história. Esta atividade decorreu em grande grupo. Depois de realizar a atividade e em conversa com a educadora apercebi-me que teria funcionado muito melhor se tivesse sido realizada em pequenos grupos. Também porque a sala tinha crianças de idades diferentes e para algumas crianças acabava por ser uma tarefa um pouco mais complexa e por este motivo senti algumas dificuldades em mantê-las concentradas.

No entanto, com a minha ajuda e participação da educadora e da assistente operacional considero que a tarefa foi bem-sucedida. As crianças puderam partilhar as suas respostas em voz alta de modo a ajudar os grupos com mais dificuldades.

1. Jogo “Quem Sou Eu?”

Neste jogo a criança será a Handa e terá de associar uma cor (cor do fruto) a um animal da história (figura 11). De modo a descobrir a surpresa por detrás de cada janelinha (ou seja, a adivinha). No total serão 7 adivinhas porque foi o número de frutos mencionados na história. Aqui as crianças trabalharam a interpretação oral da história.



Fig.11 - Realização da atividade.

- **Abordagem à Escrita**

Quanto ao Domínio Abordagem à Escrita não foi realizada nenhuma atividade em específico. No entanto, o contacto com a obra permite que “as crianças apreciem os textos, que desenvolvam a sua compreensão oral e a sua competência narrativa. O contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. O gosto e interesse pelo livro e pela palavra escrita iniciam-se na educação de infância” (Silva et al., 2016, p. 66).

- **Intencionalidades da atividade:**

- Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação.

- Estabelecer razões pessoais para se envolver com a leitura e a escrita, associadas ao seu valor e importância.

- Sentir-se competente e capaz de usar a leitura e a escrita, mesmo que em formas muito iniciais e não convencionais.

Com esta atividade as crianças puderam aprender a exploração a sua criatividade e imaginação trabalhando uma história e um tema nunca antes abordado; cada criança teve a sua própria interpretação, pois, somos todos diferentes; a recapitular os acontecimentos e os pontos mais importantes para cada uma; a partilhar e dialogar em grande/pequenos grupos acerca do que observaram da história; a identificar semelhanças/diferenças observadas e refletir em relação à nossa cultura; e sensibilizá-las para o respeito e cuidado pelo outro.

3.1.2. Educação Artística (Artes Visuais)

2ª Atividade Dinamizada

As atividades que implementei em contexto de estágio foram a criação de uma Composição criada pelas crianças (Fig.12) e uma Pintura sobre os animais.

Os materiais utilizados para a realização da atividade, “Composição criada pelas crianças”, foram folhas A4, revistas e lápis de Cera.

Na primeira atividade as crianças tiveram de completar um desenho que representava a figura humana (Handa) e uma cesta, ou seja, as partes que estavam em falta, de modo a trabalharem a simetria.

De seguida tiveram à sua disposição revistas onde puderam recortar os frutos que lá encontrassem, principalmente, os que foram referidos na história. Nesta atividade utilizaram diferentes técnicas, o desenho, a colagem e a pintura a lápis de cera (Fig.5).

Na minha opinião e segundo os comentários que ia ouvindo por parte das crianças considero que esta atividade foi bem-sucedida, interessante e que as levou a explorar. Também se tornou mais agradável, porque, foi novidade para o grupo, visto que ainda não tinham realizado nenhuma atividade deste estilo.

Nota de campo:

(G.A e L.) Este trabalho é muito fixe!

(I.) Eu adoro fazer atividades.

(C.) Quero repetir Anabela.

(L.) Hoje na hora da fruta combina com a história, porque comemos fruta. (Dizia isto enquanto fazia a sua composição).



Fig.12 – Composição criada pelas crianças.

Com esta atividade tinha como intencionalidade que as crianças aprendessem, segundo as OCEPE (2016), a:

- Respeitar “a diferença e tirar proveito da diversidade como meio de enriquecimento do ambiente educativo e do processo de aprendizagem.” (p.35)
- Manifestar “respeito pelas culturas familiares de cada criança (...).” (idem)
- Alargar as referências culturais (...) através do contacto com diferentes recursos e formas de cultura.” (idem)

- Despertar “curiosidade pelo mundo que a rodeia, formulando questões sobre o que observa.” (p.38)

- Apoiar “as crianças a relacionar o que já sabem com o que aprendem de novo.” (p.39)

- Sensibilizar as crianças conhecer e interessar-se por novas culturas, de modo a desenvolver novos saberes e alargar os seus horizontes.

3.1.3. Educação Artística (Artes Visuais)

4ª Atividade Dinamizada

Para esta atividade os materiais escolhidos foram o computador, colunas, o filme “Zootrópolis” (trailer), folhas A4 coloridas, tintas, lápis de Carvão, borracha e lápis de cor.

A presente atividade teve como indutor o trailer do filme “O Zootrópolis” (Figura 13). Escolhi este filme, porque, tal como a história fala sobre os animais e este era um dos temas que os deixava interessados. Este filme tem como mensagem principal a aceitação e celebração do diferente. Passa-se numa cidade povoada somente por animais – de todos os tipos e tamanhos. Os dois protagonistas (uma coelha e uma raposa) enfrentam uma dificuldade em comum para alcançar seus sonhos: o julgamento do próximo. A coelha era constantemente diminuída por querer ser policial, uma profissão para “animais maiores e mais fortes” que ela, enquanto a raposa sofria preconceito por não ser considerada um “animal confiável”. Desta forma, o filme pretende transmitir às crianças que “qualquer um pode ser o que quiser, se acreditar em si mesmo”, o filme ensina – através de metáforas e animais – que a diversidade é uma coisa incrível e que devemos desmistificar os estereótipos (Sinopse retirada da página Disney +).

Após a visualização do filme pedi às crianças que dessem a sua opinião à cerca do filme. Se vivessem naquela cidade qual o animal que gostariam de ser e porquê? Que diferenças teriam?



Fig.13 – Filme o Zootrópolis.

Seguidamente, as crianças realizaram uma atividade relacionada com a pintura em que cada uma pintou a sua mão com tintas (com a minha ajuda) carimbaram-nas numa folha A4 (figura 14). A partir dessa pintura desenharam o animal que escolheram e acrescentaram detalhes/características físicas de cada um. A criança era livre de escolher a cor que queria e o modo como o desenhava. Perceberam que nem todos escolheram os mesmos animais, que eram todos diferentes e que mesmo assim continuavam felizes.

Nota de campo:

J) Assim é mais giro! Há mais animais, mas também podem escolher igual ao meu (contribuindo para um momento de partilha e de diferentes opiniões e que todas são válidas).

E) Gostaste muito de fazer a atividade?

J) Abana a cabeça dizendo que sim.

Com esta atividade as crianças puderam colocar-se no lugar de um animal que tinha sido representado no filme, um que tivesse sido importante para elas e que mais se tivessem identificado, que a sua história fosse interessante para cada uma. Assim

cada uma escolheu a personagem e a cor que queria, deixando-as ser quem quisessem e como queriam, como por exemplo, fugir daquilo que já é expectável e usar a sua imaginação. Algumas crianças desenharam um leão e pintaram-no de azul. Achei bastante interessante o facto de poderem explorar livremente e de terem realizado algo tão criativo e que não seguia as regras. Foi muito bom ver que cada uma tinha as suas ideias fixas, objetivos bem traçados para aquilo que iriam realizar. Carimbámos as mãos e puderam trabalhar a ilustração/o desenho (domínio da Educação Artística).

Nota de campo:

(C) Bela, tenho o dedo no ar, posso falar?

(E) Podes sim meu amor!

(C) Eu gostava de ser a coelha. Ela era muito querida e forte.

(F) Eu não! Eu queria ser a raposa. É mais fixe!

(E) E os outros amigos? Gostavam de ser que personagem/animal? Já pensaram nisso?

(J) Eu a coelha porque é pequena como eu!

E) Muito bem! Tu e a coelha têm uma coisa igual, mas já reparaste que são muito diferentes?

Com esta atividade as crianças aprenderam:

- A aceitar e celebrar tudo aquilo que é “diferente” de uma forma positiva e gratificante;
- A perceber que temos de nos colocar no lugar do outro e que acima de tudo o devemos respeitar;
- A ensinar-lhes a solucionar os seus próprios problemas tornando-as mais autónomas;
- A nunca desistir dos seus sonhos nem dos seus objetivos;
- Que não devemos julgar nem discriminar nenhuma outra pessoa;

- Que devemos respeitar os sentimentos e emoções de cada uma;
- Que não devemos ser pessoas preconceituosas e que devemos sim escutar o que a outra pessoa tem para nos contar/desabafar;
- Que todos juntos podemos celebrar e valorizar a diversidade dando-lhe a sua devida importância, visto ser um tema bastante complexo e essencial ser discutido.





Fig.14 –Pintura com as mãos das crianças formando um animal “Flamingo” (Processo).

3.2. Síntese reflexiva sobre as atividades realizadas nos três dias

Ao longo do tempo temos vindo a presenciar nos contextos de Educação Infantil

“a simplificação e o empobrecimento da “arte” em uma versão escolarizada, longo encerrada no fazer e visando a um produto, colocando em ação “o mesmo para todos”, “sigam o modelo”, “é assim que se faz” (Ostetto, 2010, p.5).

Desta forma a arte tem sido “um conjunto de técnicas e instruções para o exercício de habilidades específicas (os “trabalhinhos” e as “atividades artísticas” (...))” (ibidem).

Por este motivo decidi dinamizar uma atividade relacionada com o subdomínio Artes Visuais. Demonstrando que a arte é mais que simples indicações e um produto final.

“As Artes Visuais são formas de expressão artística que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver outros sentidos” (Silva et. al, 2016, p.49).

As crianças devem envolver-se, descobrir e explorar novas técnicas livremente usando a sua imaginação e criatividade, ou seja, “aventurar-se a ir além do habitual, à procura da própria voz, da sua poesia” (Ostetto, 2010, p.5).

A educação Artística “não se resume a momentos e atividades isolados”. E, se pretendemos

“a educação do “ser poético”, implicado na totalidade do olhar, da escuta, do movimento, que se expressa mobilizando todos os sentidos, será importante vermos tais ações como educação estética (mais do que o ensino de arte) que se realiza no dia a dia” (ibidem).

Segundo Carlos Drummond de Andrade (1976) cit. por Ostetto (2010),

“as crianças são poetas. (...) Elas são novidadeiras, inventam modas, criam mundos e fundos; brincam com tudo que está a sua volta, mexem, pegam, puxam, experimentam, montam e desmontam, acham graça das coisas; fantasiam, viajam na imaginação, elaboram formas, buscam e inventam cores; constroem enredos e.... dizem cada uma!” (p.5).

Outro dos pontos mais importantes, relativamente, às artes é a aceitação, a valorização e o respeito pela opinião e o gosto do outro. Isto é visto como uma “aprendizagem, necessária e difícil, pois vivemos em uma sociedade que nega as diferenças e impõe padrões, pela massificação de “produtos culturais” (Ostetto, 2010, p.6).

As crianças têm prazer em descobrir, explorar e utilizar diferentes materiais.

“Cabe ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação. Assim, é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade de materiais e instrumentos (...)” (Silva et. al, 2016, p. 49).

A atividade dinamizada teve como intencionalidade “(...) contribuir para ampliar o olhar da criança sobre o mundo, a natureza e a cultura, diversificando e enriquecendo suas experiências sensíveis – estéticas, por isso, vitais” (ibidem); ainda trabalhar a representação da figura humana, a pintura, o recorte, a colagem e criação da sua própria composição; pretendi, também,

“desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas; reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual tanto na produção e apreciação das suas produções como em imagens que observa; apreciar diferentes manifestações de artes visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas (pintura, desenho, escultura, fotografia, arquitetura vídeo, etc.), expressando a sua opinião e leitura crítica” (Silva et. al, 2016, p.50).

Também trabalhar diferentes áreas de conhecimento que se interligam e demonstrando que podemos adaptar as atividades às diferentes faixas etárias. Tal como refere Siva et. al (2016):

- “Estimular a curiosidade das crianças, chamando a atenção para o que as rodeia, e questiona as suas observações.” (p.39)

- Reconhecer “que as diferenças contribuem para o enriquecimento da vida em sociedade, identificando esses contributos em situações do quotidiano.” (p.40)

- Dialogar “com as crianças sobre o modo como perspetivam a diferença (de género, cultura, etnia, etc.), apoiando-as a compreender situações de injustiça ou discriminação e a propor soluções.” (p.41)

Todas as crianças foram respeitadas e acarinhadas. Estas eram crianças bastante participativas e que me procuravam para as ajudar. Tive sempre o cuidado de ir ao encontro dos interesses do grupo e em conjunto com a educadora tentei saber mais sobre a história de vida de cada uma para saber que tipo de atividades devia realizar.

A partir dos registos pude observar e analisar mais especificamente algumas competências e capacidades das crianças, como por exemplo, através da fotografia pude observar como as crianças agarravam na tesoura, como colavam...; através das notas de campo pude recordar os comentários por parte das crianças e das educadoras cooperantes (as suas opiniões), de modo a melhorar os pontos mais fracos. À medida que as crianças iam pintando, eu ia conversando com as mesmas sobre o que tinham aprendido com aquelas atividades e é de salientar que o feedback foi bastante positivo.

Nota de campo:

E) Gostaram desta atividade?

V.) Eu gostei, nunca tínhamos feito isto!

D) Eu achei muitoooo divertido (abrindo os braços para o demonstrar).

E) Boa, a Bela fica muito contente por terem gostado e terem participado. Foi importante fazermos esta atividade. Não foi?”

C) Sim porque aprendemos muito.

J) É verdade Bela!

E) E o que é que aprenderam, lembram-se?

J) Aprendemos que não podemos gozar com os outros e que a raposa e a coelha eram diferentes, mas amigos.

Os comentários que eram feitos demonstravam interesse e gosto pelos trabalhos que tinham realizado comigo. Muitos pintaram as estrelinhas todas (Figura 15) mencionando que as atividades tinham sido “muito fixes”, “que eram muito divertidas”, “que adoravam fazer trabalhos” e que a partir das suas mãos não sabiam que eram capazes de obter um animal.

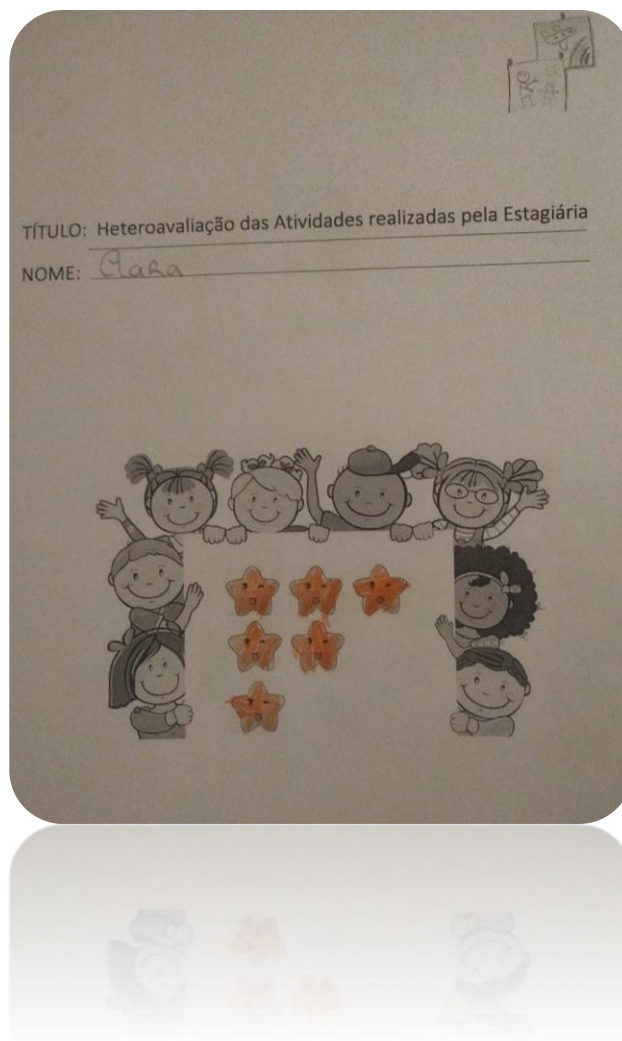


Fig.15— Avaliação por parte das crianças em relação às atividades dinamizadas pela estagiária.

(Anexo IV)

No final de cada dia pedia ao grupo para reunir para que partilhassem a sua opinião acerca das atividades realizadas, de forma a poder melhorar no dia seguinte e também ver se compreenderam o que foi proposto. Nos dois primeiros dias esta avaliação foi realizada oralmente e através de registos escritos. Enquanto que no último dia desafiei-os ainda mais e entreguei-lhes uma folha de heteroavaliação, em que cada um, individualmente, tinha de pintar um número de estrelas, que simbolizavam se tinham gostado ou não.

Nestes mesmos dias tive a oportunidade de falar com a educadora relativamente às atividades dinamizadas e conversámos sobre os pontos fortes e os menos fortes, ou seja, sobre aquilo que correu bem e sobre as minhas dificuldades. Por este motivo, a educadora aconselhou-me a trabalhar em pequenos grupos quando dinamizava as atividades para conseguir focar-me e auxiliar todas as crianças e ainda mais aquelas com mais dificuldades. O grupo era heterogéneo (relativamente à faixa etária) e, por isso, conseguir dar atenção aos mais novos.

3.3. Planificação – Jardim de Infância (2º momento de estágio)

3.3.1. Os amigos e as amigas do mundo

De seguida apresentarei uma atividade planificada em contexto de Jardim de Infância, no segundo momento de estágio baseada na história “Meninos e meninas do mundo” (figura 16).



Fig.16 “meninos e meninas do mundo”.

- ✓ **Atividade:** Os amigos e as amigas do mundo
 - **Duração:** 3 manhãs e 2 tardes
 - **Data da realização da atividade:** Dias 3, 4 e 5 de novembro de 2021
 - **Recursos:** Fotografias, cola, folhas A4, livro “Os meninos e as meninas do mundo”
- Ambar, lápis de cor, afia.

- ✓ **Descrição da Atividade:**
 - A atividade planeada consistiu na leitura do livro “Os meninos e as meninas do mundo”;
 - A história baseou-se nas diferenças culturais (ex.: Costumes, tradições, países e guerra, etc.);
 - Visionamento de algumas imagens (figura 17) relacionadas com o tema e troca de ideias acerca do mesmo;



Fig. 17 Exemplo de uma das imagens apresentadas ao grupo para analisarmos em conjunto.

Nota de campo:

Algumas respostas dadas pelas crianças:

- (M.) – “Pessoas que eram diferentes. Diferentes nos olhos. Devemos ser amigos”.
- (L.) – “As pessoas eram diferentes por causa da pele”.
- (D.) - “Vivem em sítios diferentes”.
- (M.) - “Não dizer nomes aos amigos”.
- (L.) - “E vimos fotografias. Não tinha braços. E tinha a roda.
- (F.) - “Cadeira de rodas”.
- **Educadora:** Porquê L.?
- (L.) - “Porque tinha as pernas partidas. Não conseguia andar”.
- **Educadora:** De que se lembram mais?
- (M.) – “(...) o bebé que tinha uma coisa preta na cara”.

Intencionalidades³

- Potenciar a Educação Inter/Multicultural para que as crianças aprendam a viver com as características próprias de cada um;
- Fazer com que o grupo refletisse sobre o tema, sobre aquilo que estavam a observar e sobre todos os seus comportamentos e atitudes que têm perante os seus amigos;
- Saber identificar as suas características individuais e as dos outros, percebendo as semelhanças e as diferenças de cada um.
- Perceber que a diversidade nos torna seres especiais, com características individuais e que podem ser vistas como um meio que nos enriquece a nível pessoal e educativo e, ainda, ser visto como uma partilha de conhecimento/aprendizagem.
- Despertar o interesse das crianças para aquilo que as rodeia, de forma a que estas questionem acerca daquilo que observaram.

³ Adaptado das Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, de Silva et. al (2016), pp.35, 39 e 41.

- Promover o respeito pelo outro e pelas suas opiniões. Desta forma, desenvolvemos um momento de partilha e de responsabilidade a nível social.

- Promover o espírito de solidariedade para com os outros e respeitar a diversidade.

- Dar voz à criança, apoiar as suas opiniões e incentivar cada uma a participar ativamente nas conversas, valorizando e respeitando os diferentes pontos de vista.

Posteriormente, o grupo construiu o seu próprio amigo. Um amigo que seria diferente de todos os outros, pois, cada criança tinha à sua disposição diferentes partes de rostos de cada menino/a, da sala Amarela, e uma folha A4 com uma silhueta da figura humana;

As crianças pintaram o seu amigo “ideal” e desenharam um cenário tal como vinha referido no livro (figura 18 e 19). Tudo isto a seu gosto e com a total liberdade.





Fig. 18 e 19 “Os amigos e as amigas do mundo!” – resultado.

3.3.1. Síntese reflexiva da atividade

Neste grupo pude deparar-me com uma grande diversidade cultural, com meninos de diferentes partes do mundo. Senti que eram meninos que estavam prontos para aprender e para fazer partilhas, bastantes curiosos naquilo que para eles era novo e que não fazia parte da sua cultura.

Ao expor e trabalhar esta temática sinto que estou a respeitar e a chegar de alguma forma a cada criança, seja ela de que país for, de que nacionalidade for, de que cultura pertencer.... Sinto que estou a contribuir para o surgimento do tema, ainda para mais num contexto onde me deparo com uma grande diversidade cultural, onde podemos aprender tanto uns com os outros, pois, estas diferenças abrem-nos horizontes e só nos enriquecem e nos tornam seres cultos. A partilha é importante e deve ser valorizada. É muito gratificante trabalhar com um grupo de crianças cheio de histórias e vivências. Cada dia ensinam-nos a olhar para a vida de outra forma.

~

Com o autorretrato realizado pelas crianças de um amigo do mundo (com características diferentes) foram visíveis várias aprendizagens que nos deram a conhecer um pouco mais sobre cada criança e a sua identidade.

Decidi realizar estas atividades porque achei que seria muito bom para colocar em prática o tema, para que as restantes crianças tivessem noção daquilo que acontece noutros países, quais as diferenças de cada cultura e os seus benefícios. Com todas as partilhas podemos perceber, verdadeiramente, o que acontece na vida de outras crianças, no seu país e noutras realidades completamente diferentes das nossas.

Nesta atividade desenvolvi com as crianças⁴:

- Valorização das suas iniciativas e opiniões, demonstrando-lhes interesse naquilo que estava a ser dito por parte das mesmas, de forma a dar-lhes voz. Devemos salientar que cada uma tem a sua opinião, que todas são válidas e importantes e que aprendemos uns com os outros, pois, só assim podemos obter novas conclusões.
- Ter uma atitude crítica sobre o meio que as rodeia. Expondo sempre aquilo que pensa, lutando por aquilo que acredita e, principalmente, pelos seus direitos.
- Identificar e respeitar diferentes características e hábitos de outras pessoas, incluindo diferenças físicas, de género, de etnia, de cultura, de religião, de capacidades, entre outras.
- Valorizar a cultura de cada um e da sua família. Perceber que a diversidade é algo positivo.

⁴ Adaptado das Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, de Silva et. al (2016), pp.39, 40 e 41.

CAPÍTULO V – Considerações globais e perspectivas futuras

Neste capítulo reflito sobre as aprendizagens realizadas com a implementação do tema do meu projeto com a questão de investigação que formulei “Como potenciar a Educação Inter/Multicultural em contexto de Creche e Jardim de Infância?”. Apresento as aprendizagens adquiridas, as minhas dificuldades, bem como, responderei à minha questão de investigação e aos objetivos do projeto que implementei com as crianças.

A escolha do tema foi muito importante para mim e assim que iniciei a minha experiência nos diferentes contextos de estágio pude comprová-lo. Senti que poderia fazer a diferença, que poderia ensinar e aprender com cada uma daquelas crianças, que especiais que eram, que lições de vida nos transmitiam diariamente, sempre com um sorriso no rosto independentemente das suas vivências...

Como o tema não era desenvolvido em sala senti que poderia passar a cada criança a mensagem que devemos aceitar e respeitar todos de igual forma, independentemente, das diferenças que temos. Ao conversar e dinamizar as atividades percebi que estava a fazer a diferença, pois, recebia sempre um feedback bastante positivo por parte das mesmas como fui mencionando já anteriormente.

Relativamente às aprendizagens adquiridas, este projeto permitiu-me alargar o meu conhecimento e refletir sobre estratégias para uma Educação Inter/Multicultural, uma educação inclusiva e como abordá-las, designadamente, numa perspetiva antirracista. Permitiu-me refletir sobre uma educação que tem a criança no centro, em que o foco é o seu bem-estar, os seus interesses e as suas necessidades. Ao longo dos estágios fui pensando sobre cada história de vida e aprendi bastante com cada criança. Também aprendi a observar atentamente o comportamento das mesmas e as suas emoções, de forma a conhecê-las melhor.

As atividades realizadas, as conversas, os registos multimédia (fotografias, áudios e vídeos) e as notas de campo ajudaram-me a refletir como é importante colocar em prática propostas que permitam uma abordagem Inter/Multicultural. Era fundamental fazê-las sentirem-se bem e seguras, perceber que têm pessoas que as amam tal e qual como são e que se interessam por aquilo que dizem, pelas suas ideias e, ainda, que as consideram importantes. Também foi fulcral perceber as opiniões das educadoras em relação ao tema, às dinâmicas implementadas e se colocavam em prática a temática.

Uma das minhas preocupações foi proporcionar ao grupo momentos de aprendizagem e que estas atividades fossem bastante criativas e que fossem ao encontro dos interesses das crianças. Estas devem ser ouvidas nas suas decisões e

devem ter “(...) um papel ativo no planeamento e avaliação do currículo, constituindo esta participação uma estratégia de aprendizagem.” (Silva et al., 2016, p.16).

Aprendi também como promover a temática trabalhando-a com diferentes grupos, com diferentes faixas etárias. Como expandir as aprendizagens das crianças e fazê-las refletir sobre como tratamos os outros, sobre como respeitamos os outros e como queremos ser tratados e cuidados. Aprendi que tudo à nossa volta influencia os nossos comportamentos, a nossa personalidade/identidade, por exemplo, o meio que nos rodeia, a sociedade, os materiais e a organização dos espaços... Ou seja, “(...) no reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, cuja identidade única se constrói em interação social, influenciando e sendo influenciada pelo meio que a rodeia.” (idem, 2016, p.33).

Quanto às dificuldades sentidas, por vezes, verifiquei que o tema não era muito valorizado pelas educadoras, principalmente, no segundo contexto de estágio, pois, senti que não havia muita atenção nem interesse pelas dinâmicas. A não existência de materiais em sala que me facilitassem a abordagem à temática. Por este motivo tive sempre de construir os meus próprios instrumentos e de realizar várias pesquisas.

Nem sempre, as intervenções, correram tal como planeado, o que me levou a repetir uma das atividades. Em conversa com a educadora percebi que, por vezes, isto acontece. Acima de tudo devemos sempre respeitar o tempo e o espaço das crianças, perceber que nem sempre estão predispostas para participar, sendo que havia dias em que estavam mais agitadas. Ia tentando despertar-lhes a curiosidade, no entanto, que a intenção de participar partisse das mesmas. Percebi que não havia problema em adiarmos a atividade e em realizá-la mais tarde, pois, os resultados podiam ser totalmente diferentes.

Em relação à questão de investigação considero que através do desenvolvimento de diferentes atividades se potencia a Educação Inter/Multicultural promovendo aprendizagens e uma perspetiva de abordagem de Educação Inter/Multicultural. Como exemplo apresento algumas das aprendizagens realizadas pelas crianças.

Concluo que se pode trabalhar uma abordagem de Educação Inter/Multicultural tanto em Creche quanto em Jardim de Infância.

Passando à minha questão de investigação, “Como potenciar a Educação Inter/Multicultural em contexto de Creche e Jardim de Infância?” considero que através do desenvolvimento de diferentes atividades se potencia a Educação Inter/Multicultural promovendo aprendizagens e uma perspetiva de abordagem de Educação Inter/Multicultural. Para o comprovar apresentarei alguns exemplos das aprendizagens realizadas pelas crianças:

Aprenderam a aceitar, identificar e reconhecer diferentes características, sejam elas, físicas (fenótipos), de género, de cultura, de etnia, entre outras; adquiriram conhecimento sobre diferentes culturas e as suas tradições; aprenderam a ser mais tolerantes e solidários com o outro; aprenderam sobre os seus direitos e deveres; aprenderam a respeitar a opinião do outro sem julgar nem discriminar nenhuma outra pessoa e aprenderam que devemos respeitar os sentimentos de cada um.

Considerei este um grande desafio pelo facto de os profissionais da área nunca terem abordado o tema. Ao longo do estágio senti a necessidade de questionar o porquê, de expor o meu ponto de vista e de construir vários materiais para a realização das atividades, pois, as instituições não atribuíam muita importância ao mesmo, talvez, por não considerarem a inclusão como pertinente.

Independentemente, das idades das crianças, as educadoras podiam e deviam promover este tema, por exemplo, através de músicas ou histórias que abordassem diferentes religiões, costumes, tradições, ambientes, personagens, entre outros. Estas foram algumas das estratégias que utilizei nos diferentes contextos, ou seja, fui tendo conhecimento dos interesses do grupo e segui esses ideais para promover o tema. Sabia que estes gostavam bastante de histórias, onde decidi construir um livro das diferenças e ainda onde escrevi um texto sobre as características físicas de cada criança e apresentei um teatro de fantoches e jogos didáticos, onde construí um jogo de tabuleiro sobre os opostos.

A temática desenvolvida “(...) assenta no reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, cuja identidade única se constrói em interação social, influenciando e sendo influenciada pelo meio que a rodeia” que vai construindo as suas próprias referências. (Silva et al., 2016, p.33).

Desta forma, a criança vai atribuindo significado

“aos seus comportamentos e atitudes e aos dos outros, reconhecendo e respeitando valores que são diferentes dos seus. A educação (...) tem um papel importante na educação para os valores, que não se “ensinam”, mas se vivem e aprendem na ação conjunta e nas relações com os outros.” (ibidem).

Tive sempre como objetivo preparar as crianças para a Intercul/Multiculturalidade, para o respeito, a compreensão e aceitação pela diferença. Pois, ao terem observado e participado nas atividades desenvolvidas depararam-se com características de novas culturas, assim, despertavam a sua curiosidade, o desejo de aprender cada vez mais e contribuíamos para o enriquecimento a nível de conhecimento tornando-as mais

sensíveis com os outros. Deste modo, tencionava sensibilizá-las para a diversidade cultural.

A terminar faço um balanço bastante positivo de tudo aquilo que aprendi, ou seja, aprendi a ter um olhar ainda mais sensível perante a história de cada criança; estar no contexto privar com crianças tão diferentes fez-me refletir que, por vezes, bastava a simplicidade, bastava conceder-lhes tempo, espaço, atenção e ouvi-las demonstrando-lhes que estamos interessados naquilo que querem dizer e que acima de tudo as amamos e que são importantes para nós; aprendi como chegar a cada criança, qual a forma mais “correta” para dinamizar atividades nestes grupos específicos, trabalhando a temática, mas de uma forma lúdica de modo a cativar a sua atenção. Aprendi que cada criança é especial e que todos os dias eram elas que me ensinavam algo novo. Estes momentos foram bastante importantes para mim, pois, fizeram-me refletir várias vezes sobre com tão pouco podemos ser felizes; aprendi que foi importante abordar a temática e que é essencial reforçar o quanto é bom sermos diferentes e que devemos respeitar todos à nossa volta.

Durante o meu estudo tinha como objetivo abordar e promover a Educação Inter/Multicultural com os diferentes grupos de crianças. Promover o respeito pelo outro, a valorização de outras culturas, a partilha e a inclusão. É essa diferença que nos torna seres únicos. Portanto, era importante e essencial adquirir conhecimento sobre o mundo em que vivemos e as suas especificidades. A diversidade enriquece-nos trazendo novas aprendizagens.

Para desenvolver esta temática utilizei alguns instrumentos de recolha de dados. Dados esses que iriam completando a minha pesquisa fazendo-me perceber qual a melhor estratégia para dinamizar as atividades.

Formar cidadãos que não se deixem influenciar pela sociedade, que consigam pensar por si, ter uma opinião vencedora e importante. Não deixar que os outros digam o que têm de fazer e o que têm de ser cada um deve ser aquilo que quiser e que lhes permite ser felizes e realizados. Incluir todos na nossa vida, valorizar aqueles que nos amam. Ensinar-lhes que podemos ser livres longe de preconceitos, longe do racismo e de padrões. Reforçar que haja mais compreensão, amor e sensibilidade para com os outros, espírito de ajuda e mais empatia.

As diferenças de cada indivíduo tornam-nos seres únicos, especiais e enriquecem-nos enquanto comunidade. Desta forma, é bastante importante passar estes valores às crianças e mostrar-lhes que devemos aceitar todas de igual forma.

O meu objetivo como estagiária foi e será o mesmo como futura educadora, que é fazer a diferença na vida das crianças. Ensinar-lhes aquilo que sei, valorizar e amar cada uma, aceitá-las com as suas diferenças e, ainda aprender com cada uma delas.

Terei sempre como intencionalidades o respeito pelo outro, abordar a diversidade e tornar a educação cada vez mais inclusiva.

Sanches (2011) acrescenta que estar incluído significa: querer estar, estar disponível para respeitar e ser respeitado, gerir os seus preconceitos e compreender – não implicando aceitar- os dos outros, mudando e fazendo mudar mentalidades, participando e não se autoexcluindo, tendo o direito à sua diferença e o dever de respeitar a diferença dos outros (p.139).

Referências bibliográficas

- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Amado, J. (2017). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ambrosi, A., Peugeot, V., & Pimenta, D. (setembro de 2006). Word matters: Multicultural perspectives on information societies. *Journal of Communication*, 56(3), pp. 627–628.
- Antonio, M. (2001). Currículo, cultura e formação de professores. *Educar em Revista*(17), pp. 39-52.
- Araújo, M. (1997). *Os Direitos da Criança*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Borges, M., & Silva, M. (2017). *Educação Intercultural no Pré-escolar: dos factos às representações*. Lisboa: IV Congresso Português de Sociologia.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação: Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coppete, M., Fleuri, R., & Stoltz, T. (jan/jun de 2012). Educação para a diversidade numa perspectiva intercultural. *Revista Pedagógica*, 14(28), pp. 231-262.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), pp. 262-479.
- Cury, C. (2007). A gestão democrática na escola e o direito à educação. *Revista Brasileira De Política E Administração Da Educação*, 23(3), pp. 483-495.
- Educação, D. G. (2012). *Educação para a Cidadania – linhas orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência. Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf
- Esteves, M. (2017). A diferenciação pedagógica e a formação de professores. Em M. Borges, C. Luísa, & M. H. Martins, *II Congresso Internacional Direitos Humanos e Escola Inclusiva: Múltiplos Olhares* (pp. 12-21). Faro: Universidade do Algarve. Obtido de https://esec.ualg.pt/sites/ualg.pt/files/esec/Artigos/ICongressoInternacionalDHEI2014/e-book_final_17-05-2017.pdf
- Fleuri, R. M. (2002). *Intercultura: estudos emergentes*. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí.
- Fonseca, A. (2018). *A Literatura Infantil como estratégia de desenvolvimento da competência intercultural na Educação Pré-escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade de

- Lisboa, Lisboa. Obtido de
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33083/1/ulfpie049112_tm_tese.pdf
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Moura, G., & Gonçalves, D. (2013). *Promoção do Pensamento Crítico no Contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico*. ESE de Paula Frassinetti, Porto. Obtido de
http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/1472/5/Pensamento_critico_alguas_de_suas_carac-1.pdf
- Nieto, S., & Bode, P. (2008). *Affirming Diversity – The Sociopolitical Context of Multicultural Education*. United States: Pearson Education.
- Oliveira, C. (2010). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Revista Travessias*, 2(3).
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (2013). *Pedagogia-em-Participação: A Perspetiva Educativa da Associação Criança*. Porto: Porto Editora.
- Ostetto, L. (2010). Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. Em C. Guimarães, L. Ostetto, M. A. Carvalho, S. Augusto, M. Garanhani, L. Nadolny, . . . C. Scriptori, *Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores - Educação Infantil: Princípios e Fundamentos* (pp. 27-39). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.
- Pinto, V. (1998). A Educação Multicultural: em 1998, a carta dos direitos humanos. *Diálogo Entreculturas*(25).
- Pol, E., & Morales, M. (1982). El espacio escolar, um problema interdisciplinar. *Cuaderno de Pedagogia*(86), pp. 5-14.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários - Cuidados e Primeiros Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ramos, N. (2011). *Educar para a interculturalidade e cidadania: princípios e desafios*. Universidade Aberta. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, A., Cavalcanti, J., & Cruz, M. (2011). *Perspectivas actuais da Educação Intercultural na promoção de uma escola Inclusiva*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto: Caderno Educação Especial.
- Rivière (org.), F. (2009). *Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural: relatório mundial da UNESCO*. UNESCO. Obtido de
https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por
- Sarmento, T. (2009). As crianças e a cidadania: abordagens participativas em projectos participativos. Em T. Sarmento, F. Ferreira, P. Silva, & R. Madeira, *Infância, Família e Comunidade: as Crianças como Actores Sociais* (pp. 43-68). Porto: Porto Editora.
- Sequeira, A. (2017). *Formação Inicial de Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico: Vários Olhares sobre a Diversidade Cultural*. Lisboa: Universidade de Lisboa / Instituto de Educação.

- Silva, D. (2014). *A inclusão das várias culturas das crianças no Jardim de Infância*. Relatório da Prática Profissional Supervisionada, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa. Obtido de <https://silo.tips/downloadFile/a-inclusao-das-varias-culturas-das-crianas-no-jardim-de-infancia>
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Educação.
- Stoer, S. (2008). Construindo a escola democrática através do «campo da recontextualização pedagógica». *Educação, Sociedade & Culturas*(26), pp. 133-147.
- UNICEF. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança* . Obtido de https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf
- Unidas, N. (1959). *Declaração dos Direitos Da Criança*. Lisboa: Direção-geral da Educação. Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf
- Vieira, R. (1999). Da Multiculturalidade à Educação Intercultural: A Antropologia da Educação na Formação de Professores. *Educação, Sociedade & Culturas*(12), pp. 123-162.
- Zabalza, M. (2005). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Legislação

Educação, D. G. (2012). *Educação para a Cidadania – linhas orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência. Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf

UNICEF. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Obtido de https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf

Unidas, N. (1959). *Declaração dos Direitos Da Criança*. Lisboa: Direção-geral da Educação. Obtido de https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf

Documentos Institucionais:

Projeto Educativo Instituição A e B (2019)

Projeto Pedagógico Sala Azul (2019-2020)

Projeto Pedagógico Sala Amarela (2021-2022)

Projeto Educativo Instituição C (2020-2021)

Projeto Pedagógico Sala 1 (2020-2021)

Projeto Educativo Instituição D (2019-2023)

Projeto Pedagógico Sala Amarela (2021-2022)

Anexos

Anexo I

As questões presentes no inquérito por questionário foram:

As questões presentes no inquérito por questionário foram:

1) A temática abordada nas intervenções em estágio inscreve-se numa abordagem à Educação Intercultural. Considera a Educação Intercultural como uma temática pertinente? Pode justificar, por favor, a sua resposta.

2) Considera que as intervenções realizadas durante o momento de estágio contribuíram para a aquisição de conhecimentos sobre a temática abordada por parte do grupo de crianças?

3) Após as intervenções qual o feedback por parte das crianças demonstrativo das aprendizagens realizadas? Pode, por favor, dar exemplos.

4) As intervenções realizadas contribuíram para que considerasse vir a pesquisar outras formas/atividades de trabalhar a temática com o seu grupo de crianças? Pode justificar a sua resposta, por favor.

5) Na sua prática pedagógica, enquanto educadora, que estratégias pensa poder recorrer caso observasse no seu grupo de crianças atitudes preconceituosas e discriminatórias?



Como potenciar a Educação Intercultural em contexto de Creche e Jardim de Infância?

Questionário realizado a Educadoras Cooperantes de estágio

Nome:

Parágrafo

Texto de resposta longa

1) A temática abordada nas intervenções em estágio inscreve-se numa abordagem à Educação Intercultural. Considera a Educação Intercultural como uma temática pertinente? Pode justificar, por favor, a sua resposta.

4 respostas

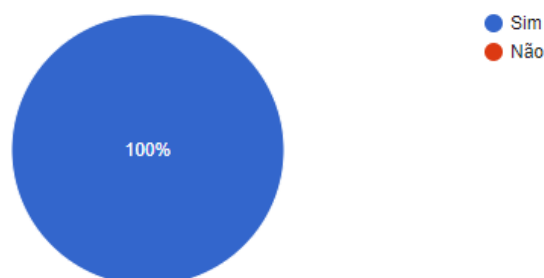
Considero uma temática pertinente na medida em que os grupos de Educação Pré-Escolar são cada vez mais multiculturais.

Depende da faixa etária, mas sim é importante trabalhar essa temática com o grupo para incutir nas crianças alguns princípios.

2) Considera que as intervenções realizadas durante o momento de estágio contribuíram para a aquisição de conhecimentos sobre a temática abordada por parte do grupo de crianças?

 Copiar

4 respostas



3) Após as intervenções qual o feedback por parte das crianças demonstrativo das aprendizagens realizadas? Pode, por favor, dar exemplos.

4 respostas

Não me recordo de nenhuma situação em concreto, mas certamente ficaram mais sensibilizadas para as diversas culturas existentes na nossa sala.

As crianças gostaram, mostraram interesse, visto que foi uma atividade interativa e cativadora (história). A meu ver, eram muito pequenas (sala de 1 ano) no entanto estiveram uma escuta ativa e participaram junto da estagiária.

4) As intervenções realizadas contribuíram para que considerasse vir a pesquisar outras formas/atividades de trabalhar a temática com o seu grupo de crianças? Pode justificar a sua resposta, por favor.

4 respostas

Com grupos de crianças cada vez mais diversificados a nível da sua origem (Bangladesh, Nepal, Roménia, Brasil...) a temática da interculturalidade tem de ser abordada das mais variadas formas e feitios. Assim, procuro variadas atividades para esta mesma temática.

Sinceramente, não pesquisei outras formas/atividades de trabalhar a temática

5) Na sua prática pedagógica, enquanto educadora, que estratégias pensa poder recorrer caso observasse no seu grupo de crianças atitudes preconceituosas e discriminatórias?

4 respostas

Sendo uma das regras principais da sala "Respeitar os amigos", tais comportamentos não são aceitáveis na vivência entre pares. Sempre apostei na conversa de grande grupo e ouvir cada uma das crianças de modo a que os outros se sintam no lugar da criança discriminada. Seria esta a primeira abordagem.

A conversa é essencial.
Conversar, mostrar exemplos que somos todos iguais...

Anexo II

História da 1ª atividade realizada em Contexto de Creche (Instituição A):

Era uma vez, a história da sala azul. A sala azul tem muitos meninos e meninas com características físicas e psicológicas diferentes. Estas crianças são de culturas e religiões diferenciadas que ao mesmo tempo se completam. Por norma, estes meninos agem e brincam de acordo com os seus gostos. São estas diferenças que os tornam únicos e seres individuais.

A primeira personagem a ser apresentada tem o cabelo diferente de todos os outros meninos da sala, tem o cabelo aos caracóis, o seu tom de pele é mais escurinho e está sempre pronto a sorrir. Conhecem esta personagem? Como se chama? (Isaac)

A seguir temos a nossa bailarina do grupo, é uma menina muito doce, divertida e que anda sempre com os seus dois totós que a caracterizam bastante. Como se chama? Sabem dizer-me quem é? (Cataleya)

Bem, agora irei apresentar um menino que é muito sorridente e que se caracteriza pela sua alegria, pelo seu humor e boa disposição. Como se chama este amigo? (Manuel V.)

A outra personagem da sala azul é uma menina muito querida, amigável e muito amorosa. Sabem dizer o nome desta amiga? (Rita)

O próximo menino tem-me vindo a surpreender pela positiva, é um menino que também considero muito simpático, respeitador, bochechudo e amigo dos seus amigos. Como se chama? (João)

De seguida, passamos para a próxima personagem, é uma menina que tem o cabelo loirinho, os olhos castanhos e gosta muito de mimo. Como se chama esta amiguinha? (Inês)

Seguidamente, vem um menino muito aventureiro, sempre pronto para a descoberta e exploração e que acima de tudo gosta do seu espaço. Como se chama? Conhecem este amigo da sala azul? (Tomás B.)

A menina que se segue, caracteriza-se pelo seu olho azul vivo, o seu cabelo liso de cor preta e pelo seu sorriso contagiante. Quem será esta amiga? (Vitória)

O menino que se segue é muito afetuoso, brincalhão, amigo e muito amável. Será que o conhecem? Como se chama? (Tomás L.)

A seguir temos um menino que é mais calmo, quieto, no entanto é bastante sorridente. Quem é capaz de o identificar? Como se chama o nosso amigo? (Antony)

O menino que se segue é um menino calmo, simpático, fofinho e muito amigável. É bastante afetuoso com os seus amigos. Como se chama o nosso amigo? (Manuel M.)

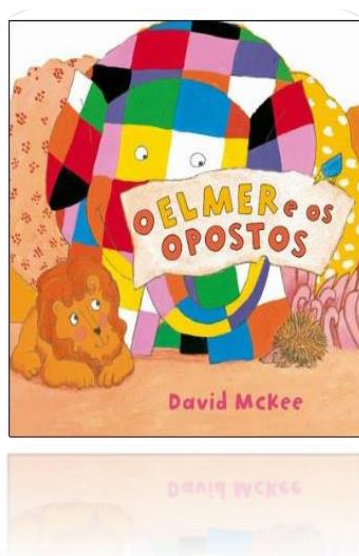
A próxima personagem é um menino que adora brincar seja sozinho ou com os seus amigos, é muito carinhoso e alegre. Como se chama este amiguinho? (Miguel)

A última personagem da nossa história é um menino tranquilo, amável e feliz. Sabem dizer-me o nome do nosso amigo? (Francisco)

A mensagem que pretendo transmitir é que somos todos diferentes, mas todos iguais. Que devemos acima de tudo respeitar e aceitar as diferenças de cada um e sermos todos amigos.

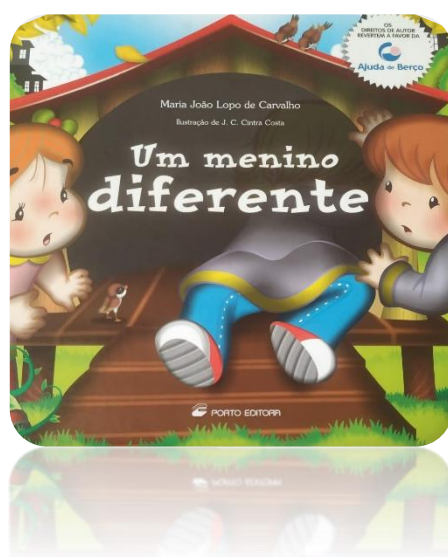
Vitória, Vitória acabou-se a história!

Anexo III



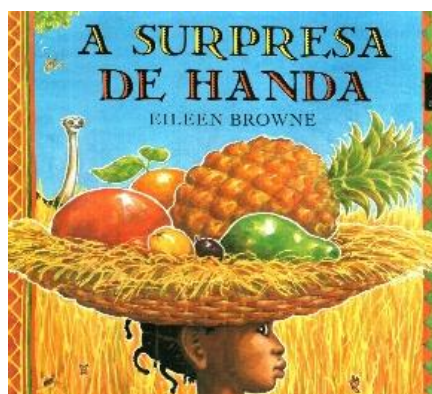
O Elmer e os Opostos de David McKee.

Anexo IV



Livro: Um menino diferente de Maria Carvalho.

Anexo V



Livro “A Surpresa de Handa”.

Anexo VI

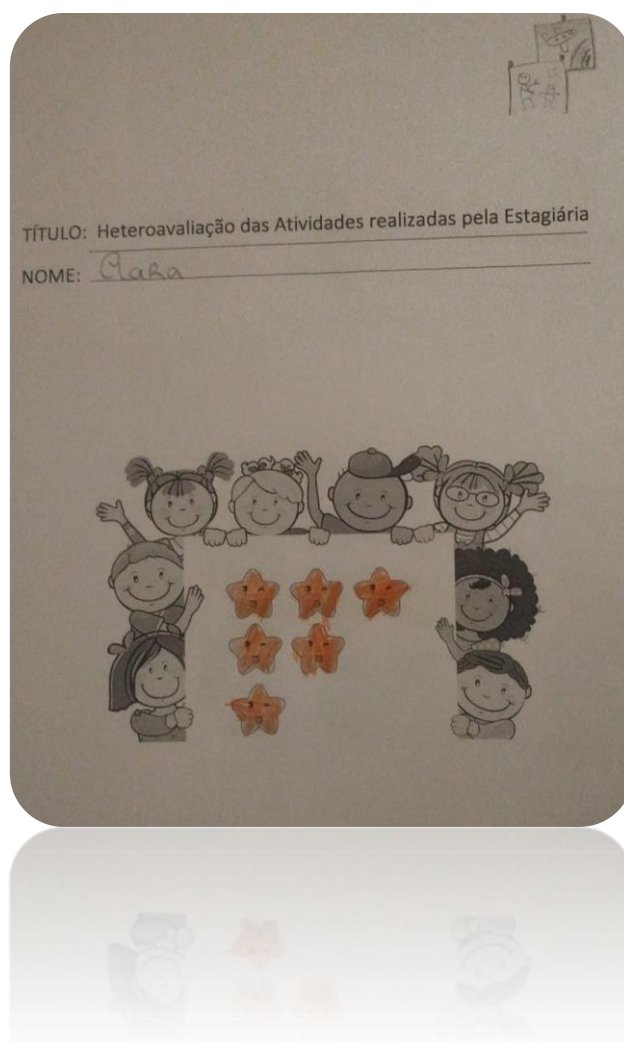


Fig.15 Heteroavaliação das atividades realizadas pela estagiária.